

**Mel  
de  
Amor**

**Um conto de  
Ana Sofia Veigas**

**Ilustrações de  
Tiago Alves**

Lisboa | 2016

**BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA**

Edição de Rita Cardoso e Ângela Correia

ISBN: 978-1329-94341-4



Eram as calendas de Maio. A tarde estava soalheira, suave e lânguida, envolvendo o peristilo de doces colorações. Lavínia, que apreciava nas tesselas a figura de um centauro marinho, cogitava sobre a família. Marcus, seu esposo e senhor, pretor da cidade, tinha sido designado pelo senado em Roma para alto funcionário da província imperial Lusitânia, havia quatro anos, e estabelecera residência em Conímbriga. Haviam partido de Roma ainda o filho Caio





envergava a toga *praetexta* e, entretanto, já iniciara a vida pública.

Caio... era um belíssimo mancebo. Alto e bem proporcionado, demonstrara desde tenra idade aptidão invulgar para as actividades bélicas. Levantava-se ao dealbar da aurora para realizar exercícios físicos em várias modalidades, a fim de que o corpo se mantivesse são e activo, além de bem adaptado à preparação militar da escola, onde se ocupava também de





outras matérias de estudo. Exímio na arte de manejo do gládio e do dardo, cedo se habituara a envergar a indumentária da Legião, não só para sopesar o escudo, mas também para sentir a eficácia defensiva do capacete de bronze e da loriga de couro. Logo após a cerimónia perante o altar de Marte, deus e senhor máximo da guerra, envergara a toga viril e tornara-se membro da Guarda Pretorial, pouco após o início do tribunado militar. Sim, Caio era um orgulho para aquela família.





Aos 20 anos, era um homem respeitado pela eloquência, sabedoria, virtude, profundo respeito pelos Lares e engenharia bélica. Era, sem dúvida, um digno sucessor dos Cantaber.

Mas Clélia também o era. A filha de Lavínia completara 15 anos nos idos de Março e era cortejada por todos os jovens de famílias preclaras de Conímbriga. De estatura mediana, tez clara e olhos garços de finíssimo recorte, doces como mel, cativava todas





as pessoas pela infinita candura, simplicidade e natural timidez.

Marcus retirara-a da escola aos 13 anos e legara a sua educação a Lavínia, que a instruíra em Música e Literatura. Contudo, a *materfamilias* julgava que Clélia deveria prosseguir estudos noutros campos, pelo que confidenciou a Marcus o desejo de que ele adquirisse um escravo helénico, um gramático que pudesse ensinar à menina a língua grega e matérias afins.





Marcus acedera ao pedido da esposa, combinando com um comerciante cartaginês, havia já quase um ano, a compra de um escravo letrado que servisse de pedagogo a sua filha Clélia. Deslocara-se naquela manhã ao *forum* para concretizar o negócio e eis que chegava, pois a sua voz ecoava na zona da biblioteca.

Lavínia deslocou-se por entre o jardim, sentindo a frescura proporcionada pelas águas do tanque com repuxos, e penetrou na biblioteca, divisão anexa ao *tablinum*.





Marcus conversava, calma, mas veementemente, com um jovem que aparentava uns 25 anos, de formas harmoniosas, e envergando uma clâmide, indício claro de tratar-se de um indivíduo grego. Ao vê-la, o jovem fez uma reverência de profundo respeito, e Lavinia pôde então contemplá-lo com mais acuidade. Tez bruna suave, rosto oval bem escanhado, animado por olhos de um castanho intensamente cálido, oblongados por cílios negros. Negro igualmente o





cabelo, disposto em ténues ondulações, que emolduravam delicadamente aquele rosto belo, mas viril.

Marcus beijou amorosamente a face da esposa apresentando-lhe o escravo que adquirira para mestre de Clélia em grego e matérias afins, tal como desejara Lavínia.

A esposa afectuosa fez um sorriso de aprovação e questionou o escravo quanto ao nome.

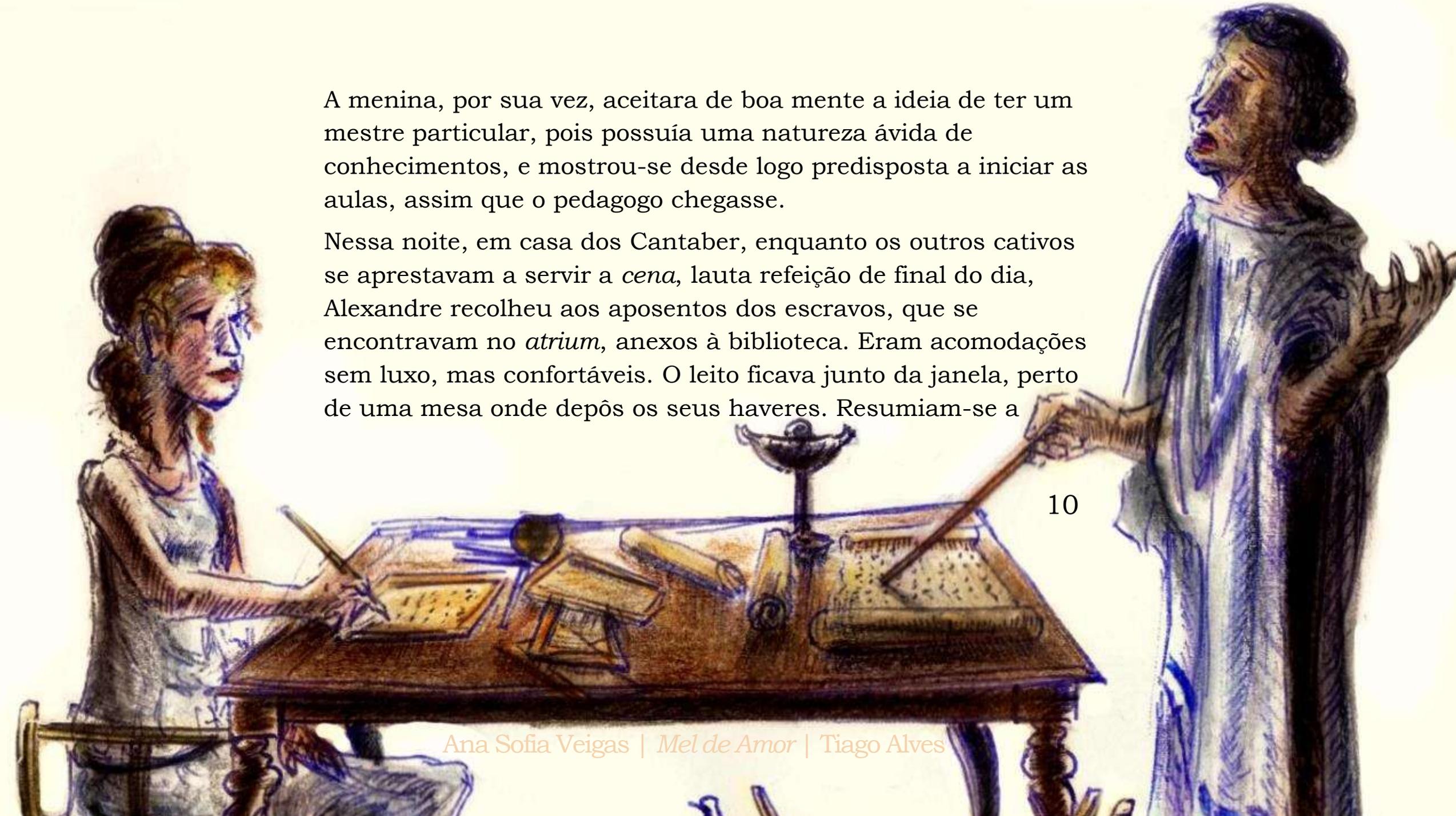


– Alexandre, senhora. – foi a resposta, em tom respeitoso, mas solene, num latim perfeito. Lavínia apercebeu-se de que, pelo porte e timbre de voz, o escravo havia tido uma educação refinada; era, pois, o *magister* adequado para Clélia.

A menina, por sua vez, aceitara de boa mente a ideia de ter um mestre particular, pois possuía uma natureza ávida de conhecimentos, e mostrou-se desde logo predisposta a iniciar as aulas, assim que o pedagogo chegasse.

Nessa noite, em casa dos Cantaber, enquanto os outros cativos se aprestavam a servir a *cena*, lauta refeição de final do dia, Alexandre recolheu aos aposentos dos escravos, que se encontravam no *atrium*, anexos à biblioteca. Eram acomodações sem luxo, mas confortáveis. O leito ficava junto da janela, perto de uma mesa onde depôs os seus haveres. Resumiam-se a

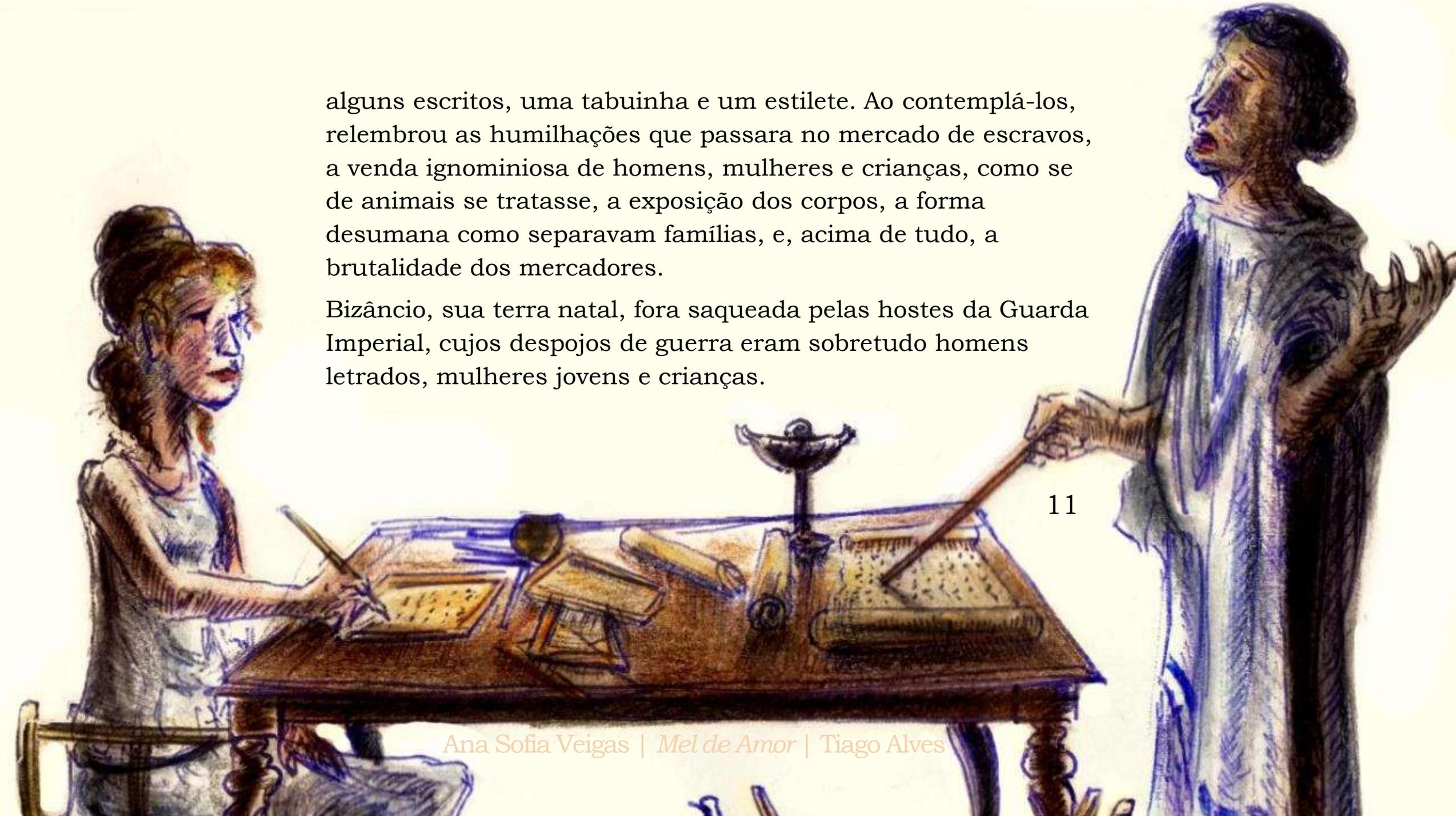
10



alguns escritos, uma tabuinha e um estilete. Ao contemplá-los, lembrou as humilhações que passara no mercado de escravos, a venda ignominiosa de homens, mulheres e crianças, como se de animais se tratasse, a exposição dos corpos, a forma desumana como separavam famílias, e, acima de tudo, a brutalidade dos mercadores.

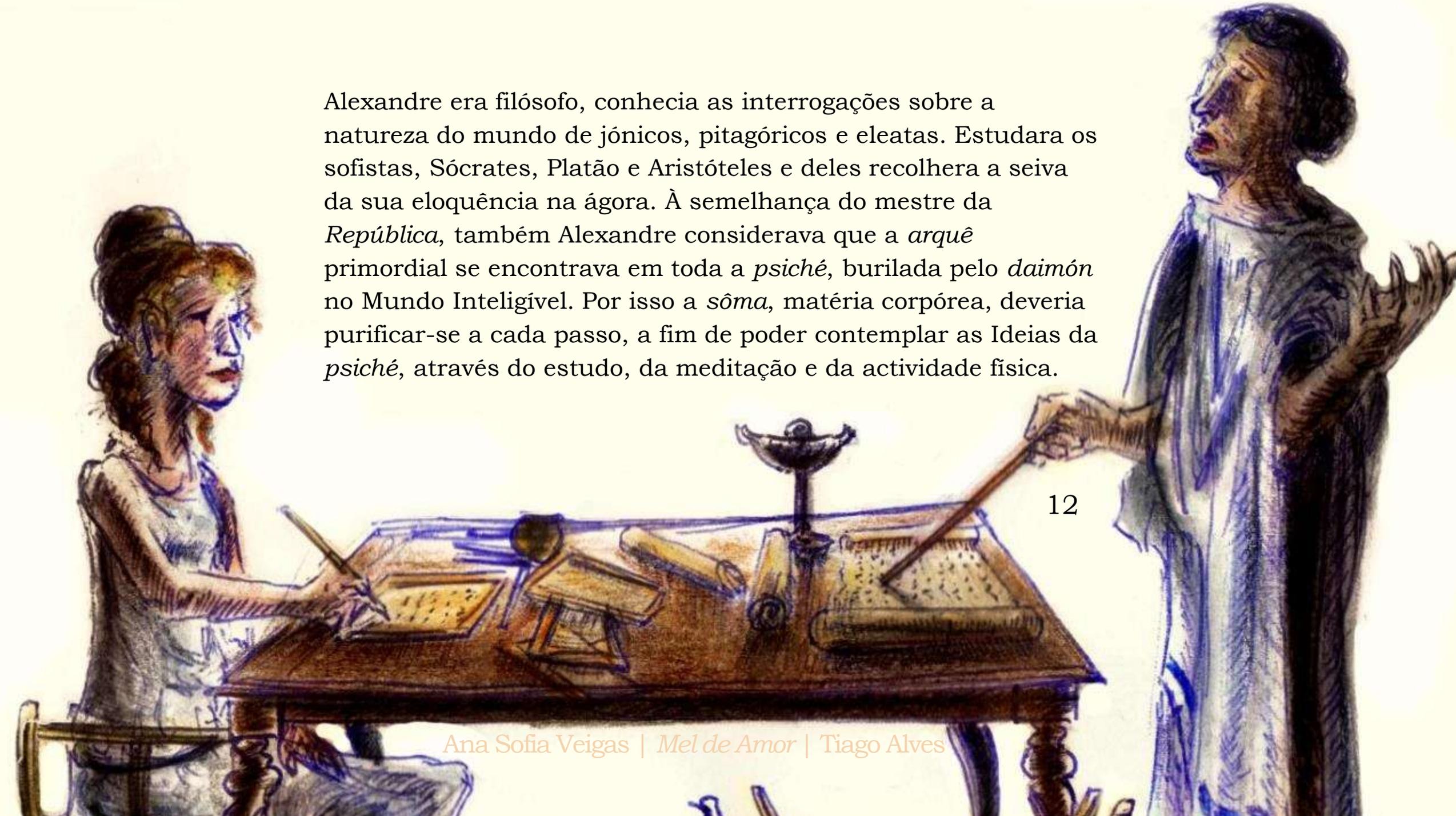
Bizâncio, sua terra natal, fora saqueada pelas hostes da Guarda Imperial, cujos despojos de guerra eram sobretudo homens letrados, mulheres jovens e crianças.

11



Alexandre era filósofo, conhecia as interrogações sobre a natureza do mundo de jônicos, pitagóricos e eleatas. Estudara os sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles e deles recolhera a seiva da sua eloquência na ágora. À semelhança do mestre da *República*, também Alexandre considerava que a *arquê* primordial se encontrava em toda a *psiché*, burilada pelo *daimón* no Mundo Inteligível. Por isso a *sôma*, matéria corpórea, deveria purificar-se a cada passo, a fim de poder contemplar as Ideias da *psiché*, através do estudo, da meditação e da actividade física.

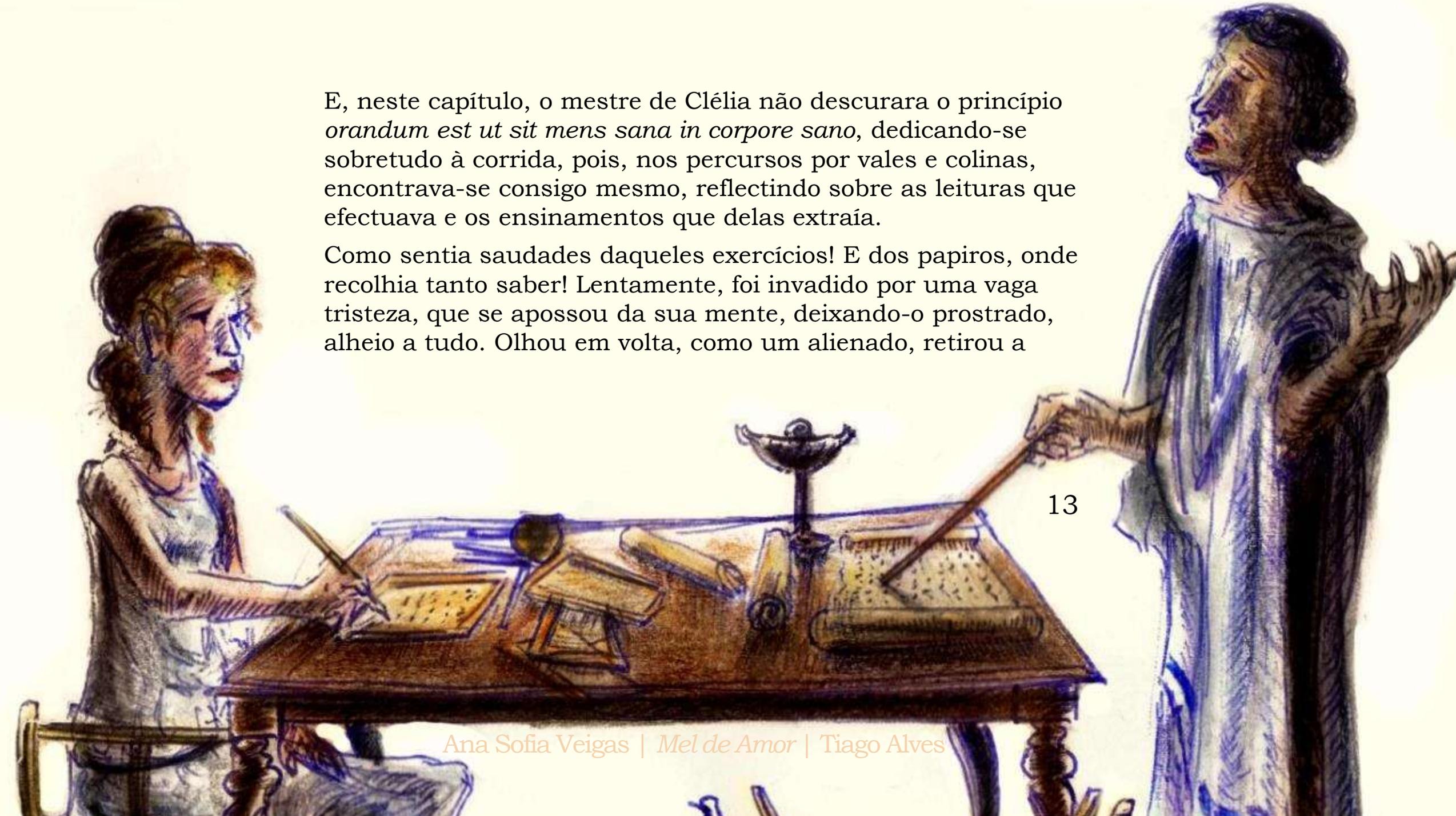
12



E, neste capítulo, o mestre de Clélia não descurara o princípio *orandum est ut sit mens sana in corpore sano*, dedicando-se sobretudo à corrida, pois, nos percursos por vales e colinas, encontrava-se consigo mesmo, reflectindo sobre as leituras que efectuava e os ensinamentos que delas extraía.

Como sentia saudades daqueles exercícios! E dos papiros, onde recolhia tanto saber! Lentamente, foi invadido por uma vaga tristeza, que se apossou da sua mente, deixando-o prostrado, alheio a tudo. Olhou em volta, como um alienado, retirou a

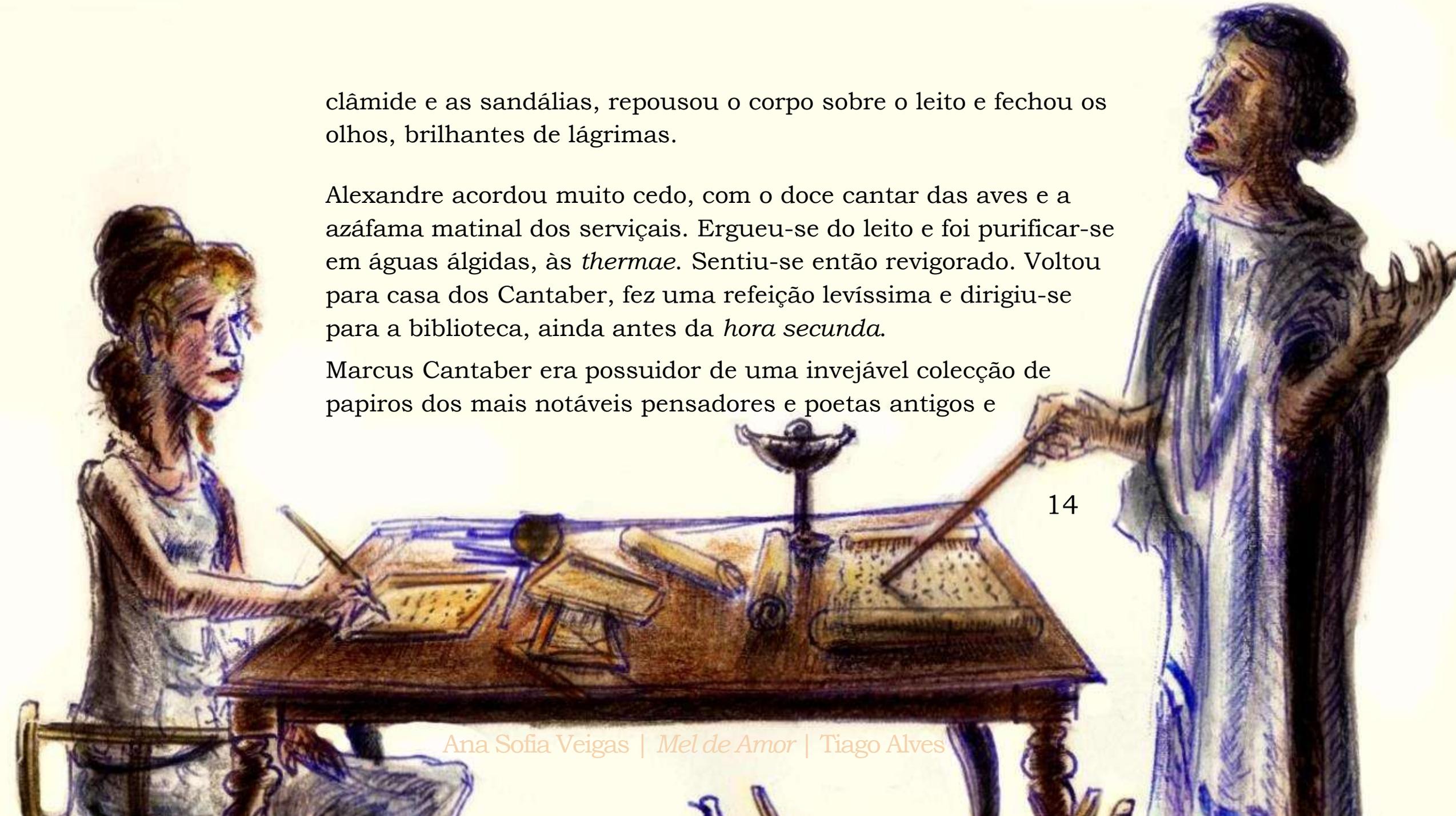
13



clâmide e as sandálias, repousou o corpo sobre o leito e fechou os olhos, brilhantes de lágrimas.

Alexandre acordou muito cedo, com o doce cantar das aves e a azáfama matinal dos serviçais. Ergueu-se do leito e foi purificar-se em águas álgidas, às *thermae*. Sentiu-se então revigorado. Voltou para casa dos Cantaber, fez uma refeição levíssima e dirigiu-se para a biblioteca, ainda antes da *hora secunda*.

Marcus Cantaber era possuidor de uma invejável colecção de papiros dos mais notáveis pensadores e poetas antigos e



modernos: Hesíodo, Homero, Safo, Arquíloco, Horácio, Alceu, Heródoto, Tito Lívio, Virgílio, Plínio, Ovídio, Sêneca, Aristóteles, Cícero, Euclides, Platão, Sócrates..., todos devidamente catalogados e dispostos por ordem onomástica. O amo seria, sem dúvida, um homem culto.

*Eneida...* «*Arma virumque cano...*», começara ele a reler, quando o rufar da fimbria de uma veste lhe chamou a atenção para que já não estava só. Clélia entrara na biblioteca imperturbavelmente, e estava ali, de pé, contemplando-o. Envergava uma túnica

15

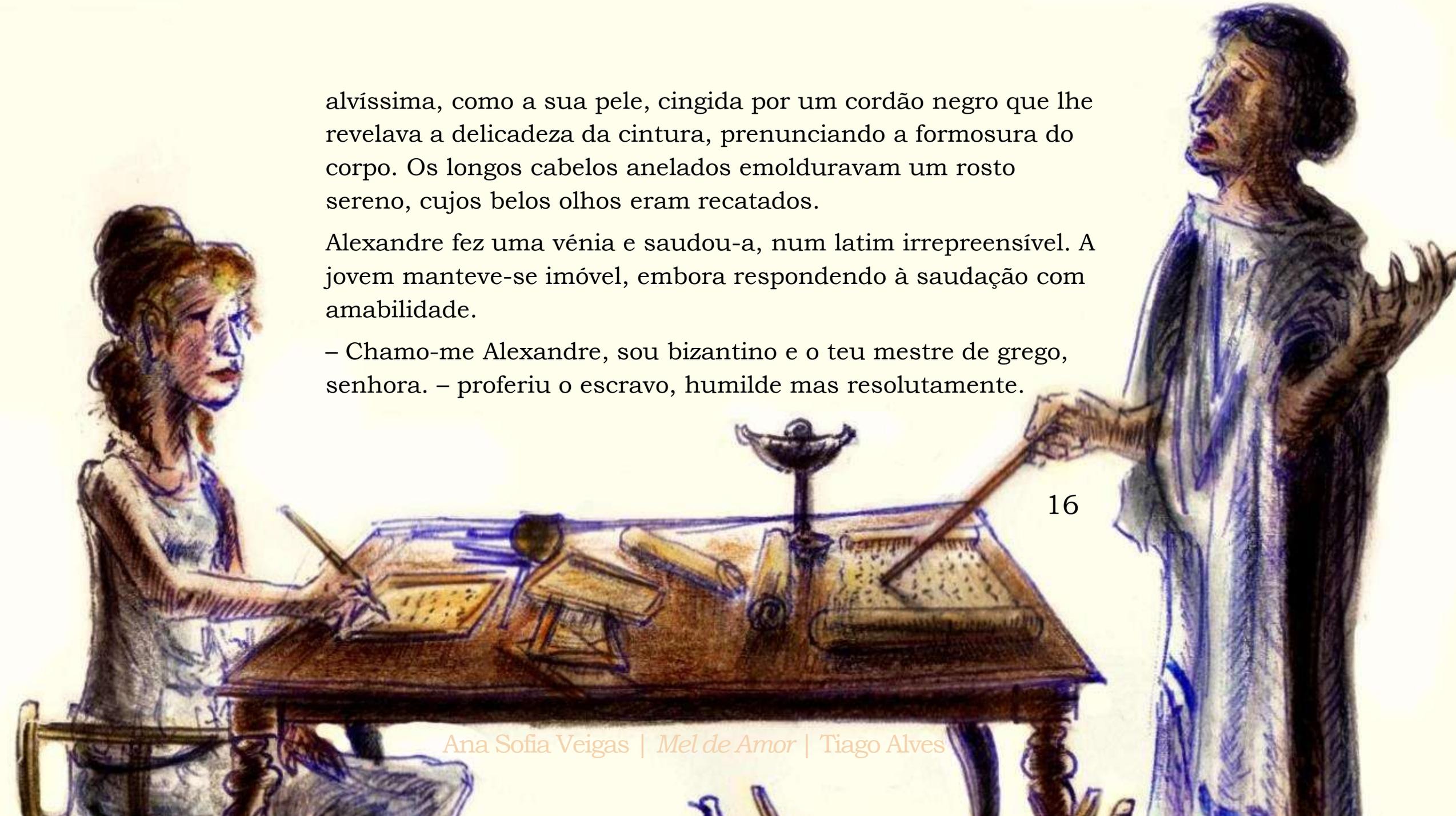


alvíssima, como a sua pele, cingida por um cordão negro que lhe revelava a delicadeza da cintura, prenunciando a formosura do corpo. Os longos cabelos anelados emolduravam um rosto sereno, cujos belos olhos eram recatados.

Alexandre fez uma vénia e saudou-a, num latim irrepreensível. A jovem manteve-se imóvel, embora respondendo à saudação com amabilidade.

– Chamo-me Alexandre, sou bizantino e o teu mestre de grego, senhora. – proferiu o escravo, humilde mas resolutamente.

16



– Clélia. – foi a resposta lacônica da rapariga, que estranhara aquela súbita deferência na palavra «senhora» pronunciada pelo escravo.

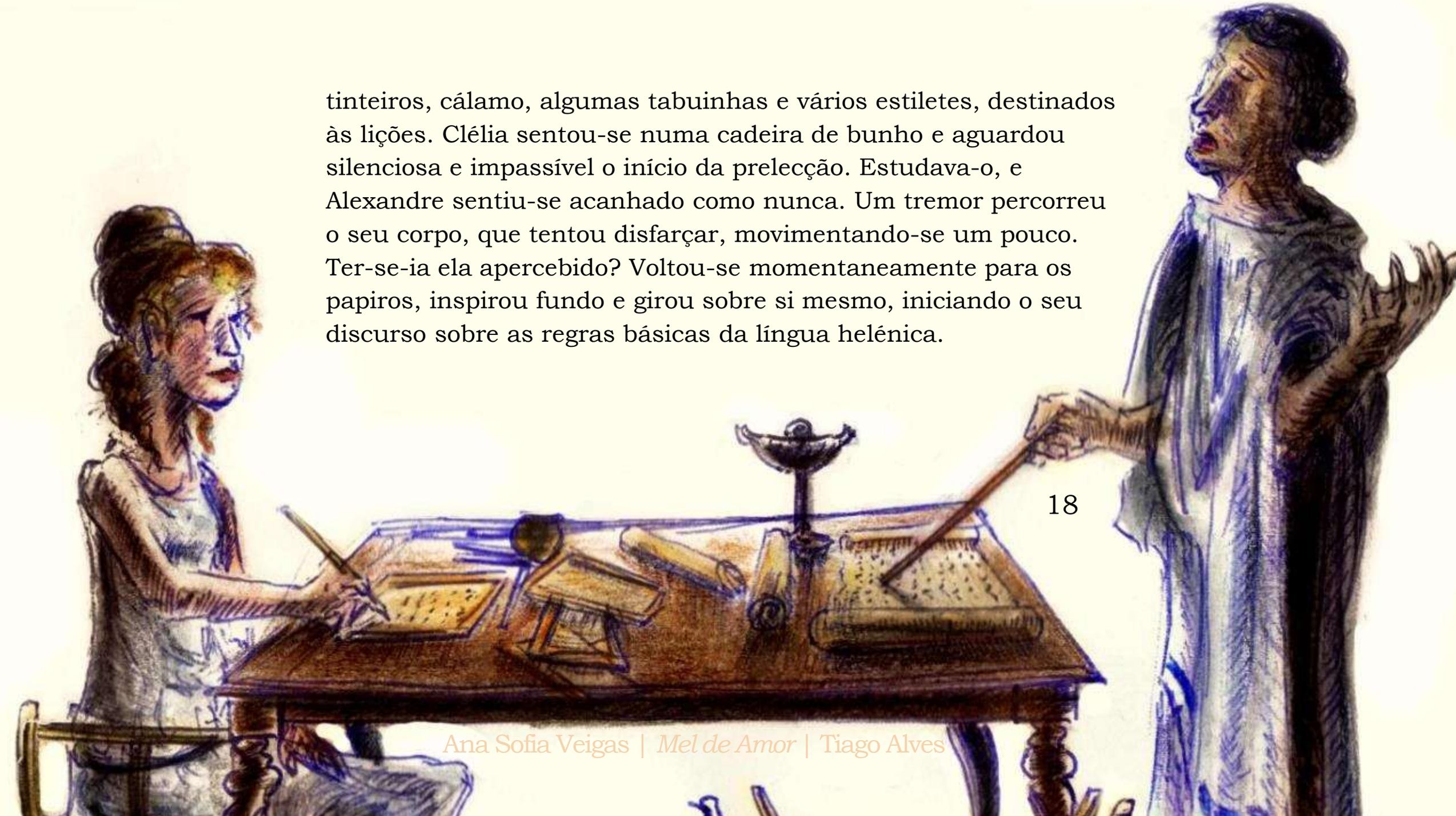
– Muito bem, Clélia, começemos. – Alexandre interpretara a resposta da menina como um sinal de autoridade suprema, destinada a demarcar claramente a sua posição de escravo perante uma cidadã romana, filha de um magistrado, de condição nobre, e inibiu-se um pouco. Observou-a a deslocar-se para a mesa junto da janela, sobre a qual repousavam papiros,

17



tinteiros, cálamos, algumas tabuinhas e vários estiletes, destinados às lições. Clélia sentou-se numa cadeira de bunho e aguardou silenciosa e impassível o início da prelecção. Estudava-o, e Alexandre sentiu-se acanhado como nunca. Um tremor percorreu o seu corpo, que tentou disfarçar, movimentando-se um pouco. Ter-se-ia ela apercebido? Voltou-se momentaneamente para os papiros, inspirou fundo e girou sobre si mesmo, iniciando o seu discurso sobre as regras básicas da língua helénica.

18

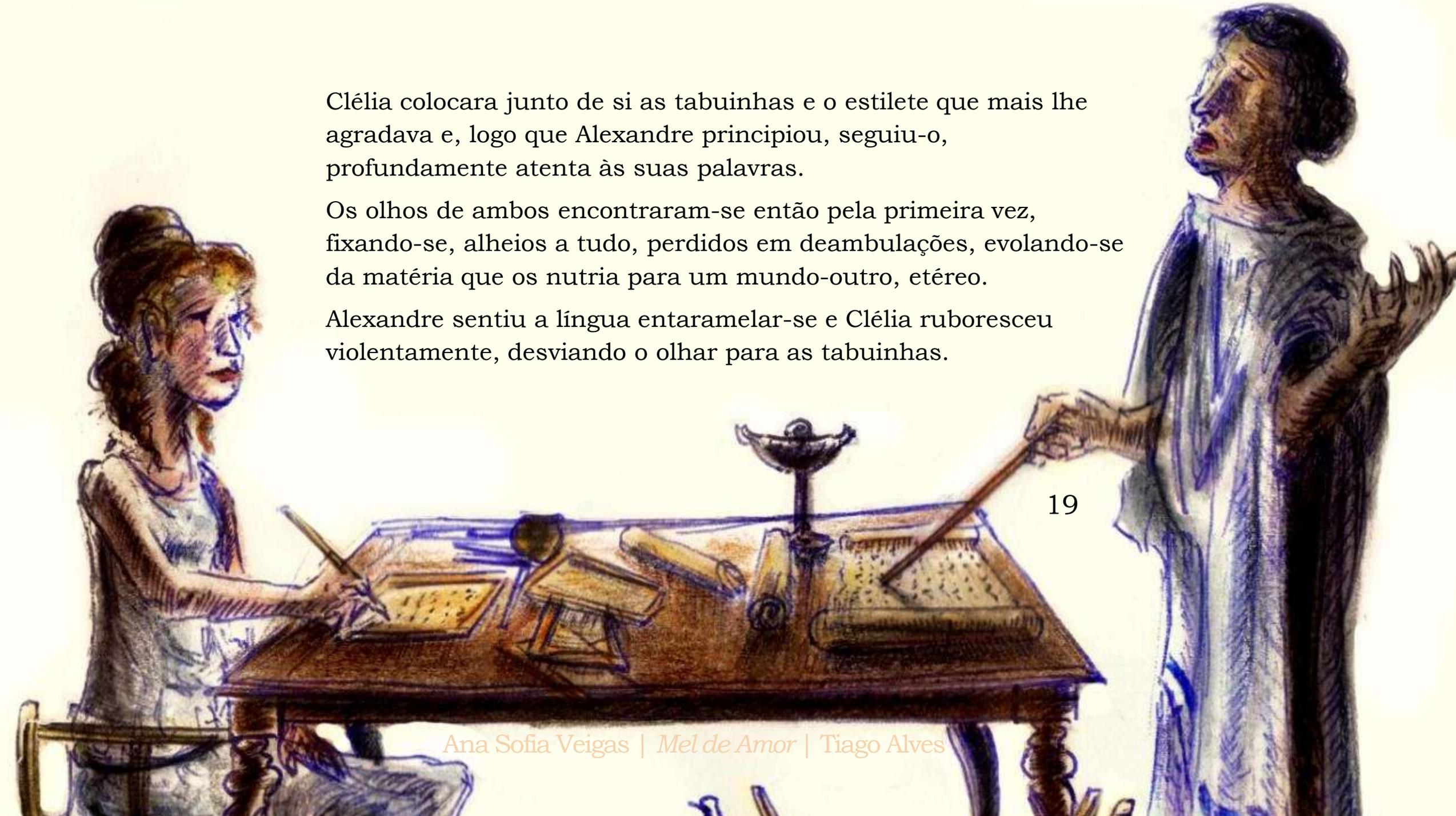


Clélia colocara junto de si as tabuinhas e o estilete que mais lhe agradava e, logo que Alexandre principiou, seguiu-o, profundamente atenta às suas palavras.

Os olhos de ambos encontraram-se então pela primeira vez, fixando-se, alheios a tudo, perdidos em deambulações, evolvendo-se da matéria que os nutria para um mundo-outro, etéreo.

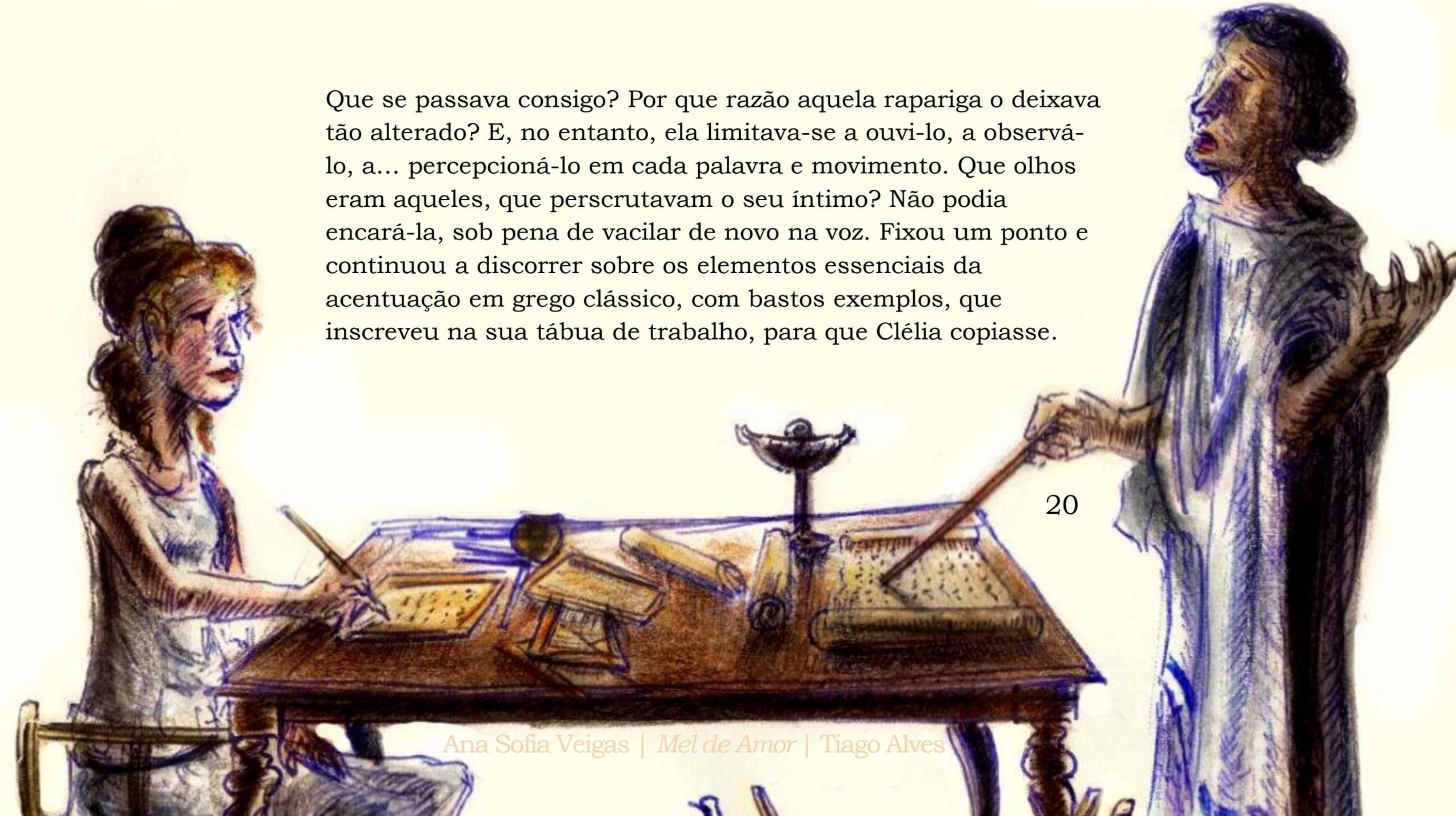
Alexandre sentiu a língua entaramelar-se e Clélia ruboresceu violentamente, desviando o olhar para as tabuinhas.

19



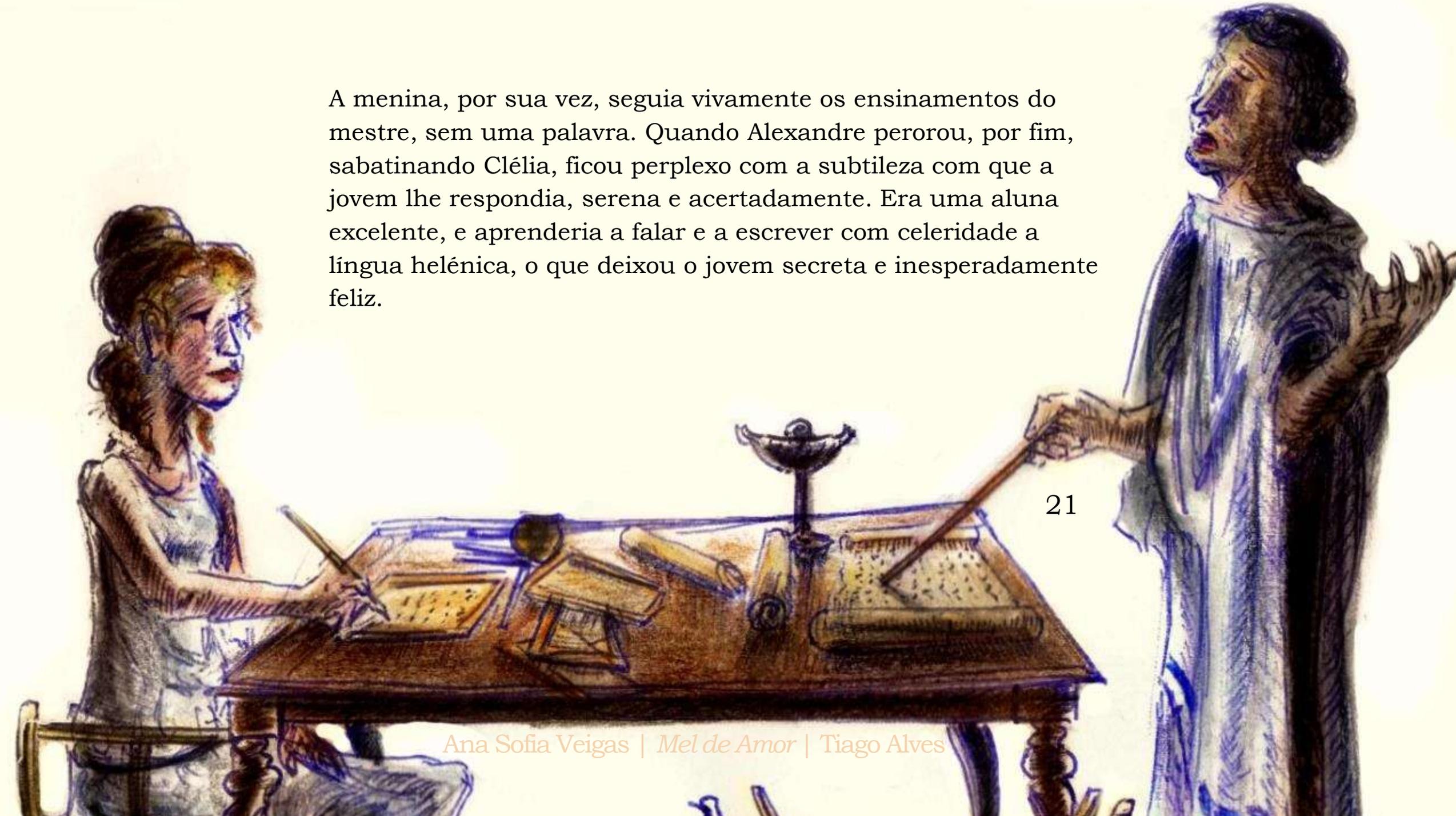
Que se passava consigo? Por que razão aquela rapariga o deixava tão alterado? E, no entanto, ela limitava-se a ouvi-lo, a observá-lo, a... percepcioná-lo em cada palavra e movimento. Que olhos eram aqueles, que perscrutavam o seu íntimo? Não podia encará-la, sob pena de vacilar de novo na voz. Fixou um ponto e continuou a discorrer sobre os elementos essenciais da acentuação em grego clássico, com bastos exemplos, que inscreveu na sua tábua de trabalho, para que Clélia copiasse.

20



A menina, por sua vez, seguia vivamente os ensinamentos do mestre, sem uma palavra. Quando Alexandre perorou, por fim, sabatinando Clélia, ficou perplexo com a subtileza com que a jovem lhe respondia, serena e acertadamente. Era uma aluna excelente, e aprenderia a falar e a escrever com celeridade a língua helênica, o que deixou o jovem secreta e inesperadamente feliz.

21





Ana Sofia Veigas | *Mel de Amor* | Tiago Alves

A ampulheta marcava meio-dia, pelo que o professor deu a lição por terminada, agradecendo gentilmente a atenção que a sua aluna lhe consagrara.

Clélia inclinou ligeiramente a cabeça, em sinal de agradecimento, e olhou-o de novo nos olhos. Desta vez, ambos sustiveram o olhar, em plena harmonia, durante breves instantes, antes de a discípula se levantar com suavidade, recolhendo as tabuinhas.

– Até amanhã, senhora. – despediu-se Alexandre, suave e respeitosamente.



Ana Sofia Veigas | *Mel de Amor* | Tiago Alves

– Até amanhã, Alexandre. – foi a resposta, neutral, da rapariga, que se afastou sem rumor.

Alexandre sentiu então o coração descomprimir-se, o sangue a circular novamente pelo corpo. Transpirava. As mãos estavam húmidas, embora geladas. Nunca se sentira assim, e esta impressão desconhecida desconcertava-o até ao âmago. Novos quesitos o assombravam: que inusitado poder tinha aquela menina, para o deixar naquele tumulto? Por Minerva! Nunca tal lhe tinha acontecido e não sabia



Ana Sofia Veigas | *Mel de Amor* | Tiago Alves

como equacionar as emoções. Precisava de ar, sentia-se sufocado por aquelas paredes. Deixou a biblioteca e foi partilhar as suas cogitações com os prados, deambulando sem destino. A propriedade de seu amo e senhor, Marcus Cantaber, era extensa, pelo que o jovem *magister* podia caminhar livremente, sem receio de ser interpelado.

Clélia sobreveio-lhe de novo ao pensamento. Completamente embebida nas suas palavras, a menina revelara uma aptidão natural para a aprendizagem e



desempenho oral da língua helênica, para além de uma delicada inteligência. Em breve poderia instruí-la em Aritmética e Geometria, através dos papiros de Pitágoras. E que prazer seria poder discorrer com ela sobre Retórica e Dialéctica, como fazia na ágora! Cerrou as pálpebras e aspirou profunda e lentamente os olores exalados pelas flores do prado, que lhe lembravam Bizâncio e as suas raízes. Por momentos, sentiu-se bem, em paz... Mas um pensamento veio ensombrá-lo: a sua condição de escravo. Tudo se



desmoronou. Foi então acometido de uma tristeza atroz, que o deixou acabrunhado de dor e de revolta. Que direito tinham alguns homens sobre outros? Quem lhes conferira tal grau de superioridade? Os deuses? De que forma? Quão fácil era reduzir uma vida humana à subserviência! E pensar que poderia discorrer sobre as altas esferas do pensamento com aquela menina de igual para igual! Que tolo! És um escravo, Alexandre, já nem o teu pensamento é livre. Encontras-te agrilhado pelos teus deveres de mestre de uma



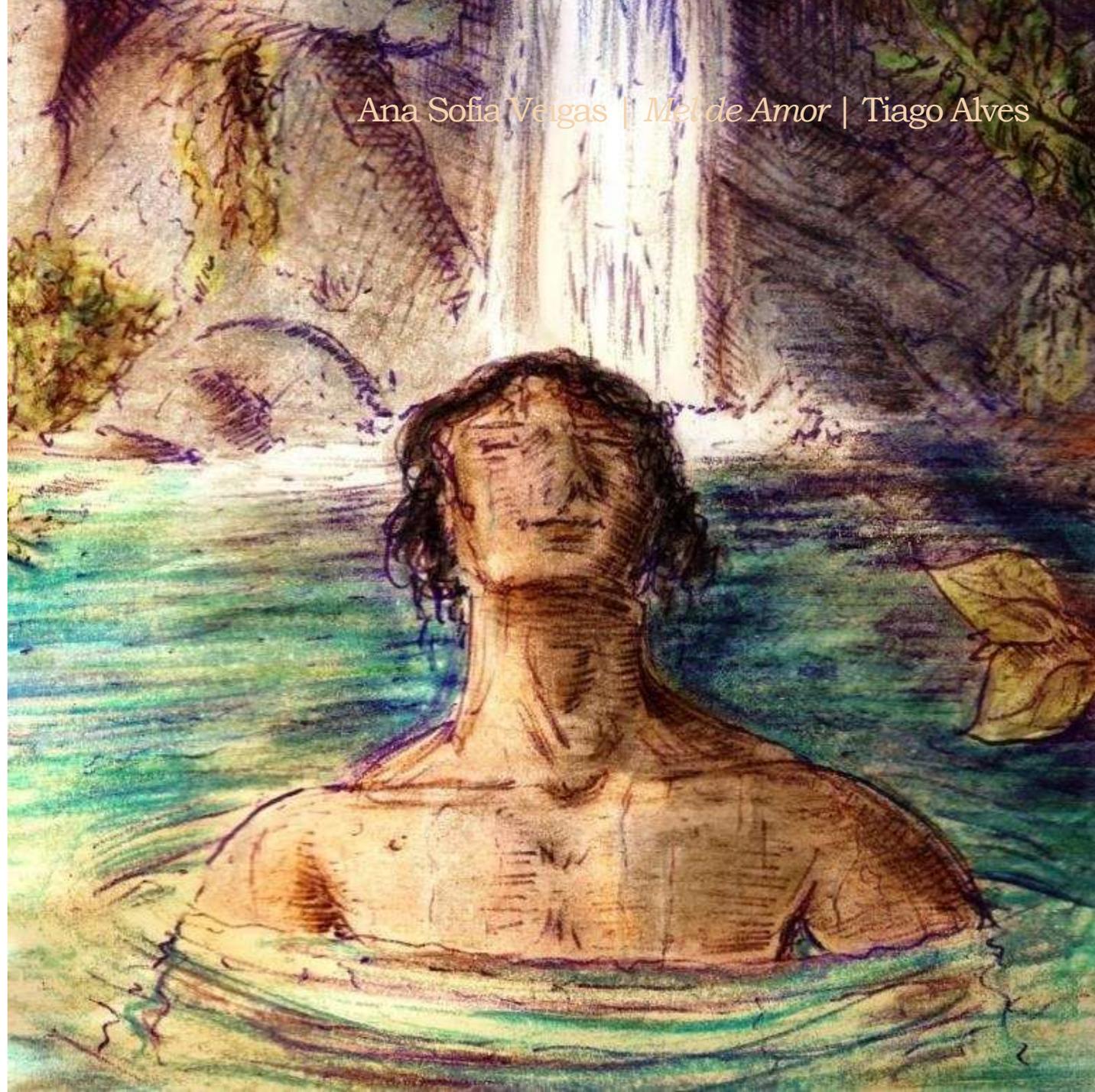
rapariguinha que te observa, na mira de te ver pisar em falso, e de te humilhar com o seu olhar altivo de cidadã romana!

Num surto de exasperação, o jovem bizantino revolveu a clâmide no interior, do lado esquerdo, e retirou aquilo que era, para si, o bem mais precioso: o anel de seu trisavô Eratóstenes, o notável matemático, filósofo, geógrafo e filólogo, que também fora bibliotecário-mor da Biblioteca de Alexandria. Que tem ela mais do que tu, Alexandre? Também tu podes orgulhar-te dos teus Lares! Pertences a uma



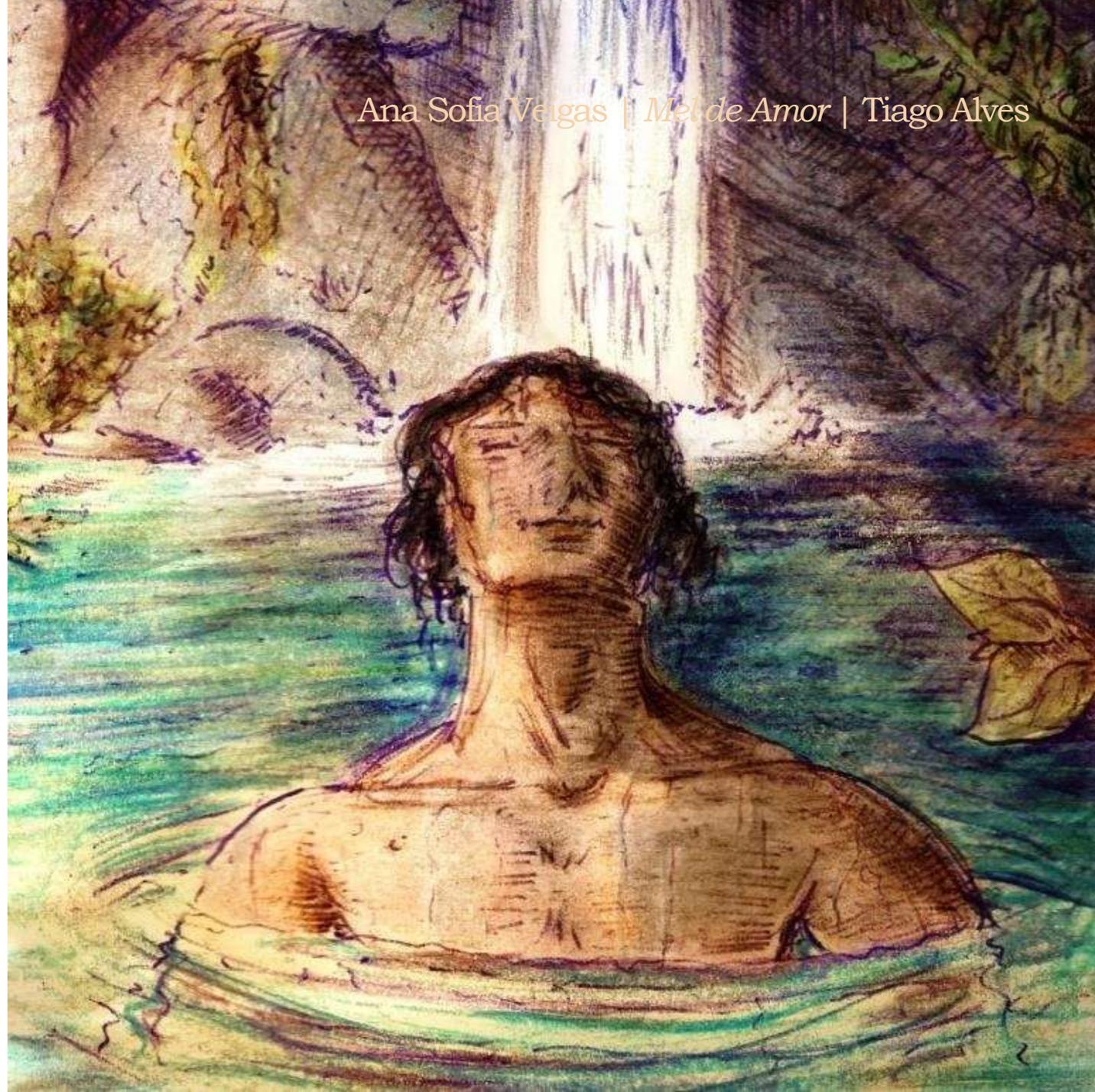
família de grandes pensadores, de homens nobres e doutíssimos filósofos. Ah, pudesse eu revelar a minha verdadeira identidade! Acariciou com reverência o anel do antepassado, guardando-o em seguida com todo o cuidado sob a clâmide, junto do coração.

Respirou fundo, em busca de estabilidade anímica, e continuou a caminhar por entre extensa e luxuriante vegetação. Um pouco adiante, o rumorejar de águas chamou a sua atenção, pelo que apurou o ouvido, no sentido de encontrar o curso de água. Foi então que, num outeiro rodeado de árvores, viu brotar, por entre uma rocha descomunal, uma belíssima cascata de águas límpidas e coleantes, que lhe deram imediatamente uma vontade irresistível de nelas se purificar. Nada como a aspensão em águas lustrais para relaxar o corpo e a mente. Retirou a clâmide, descalçou as sandálias e penetrou calmamente no



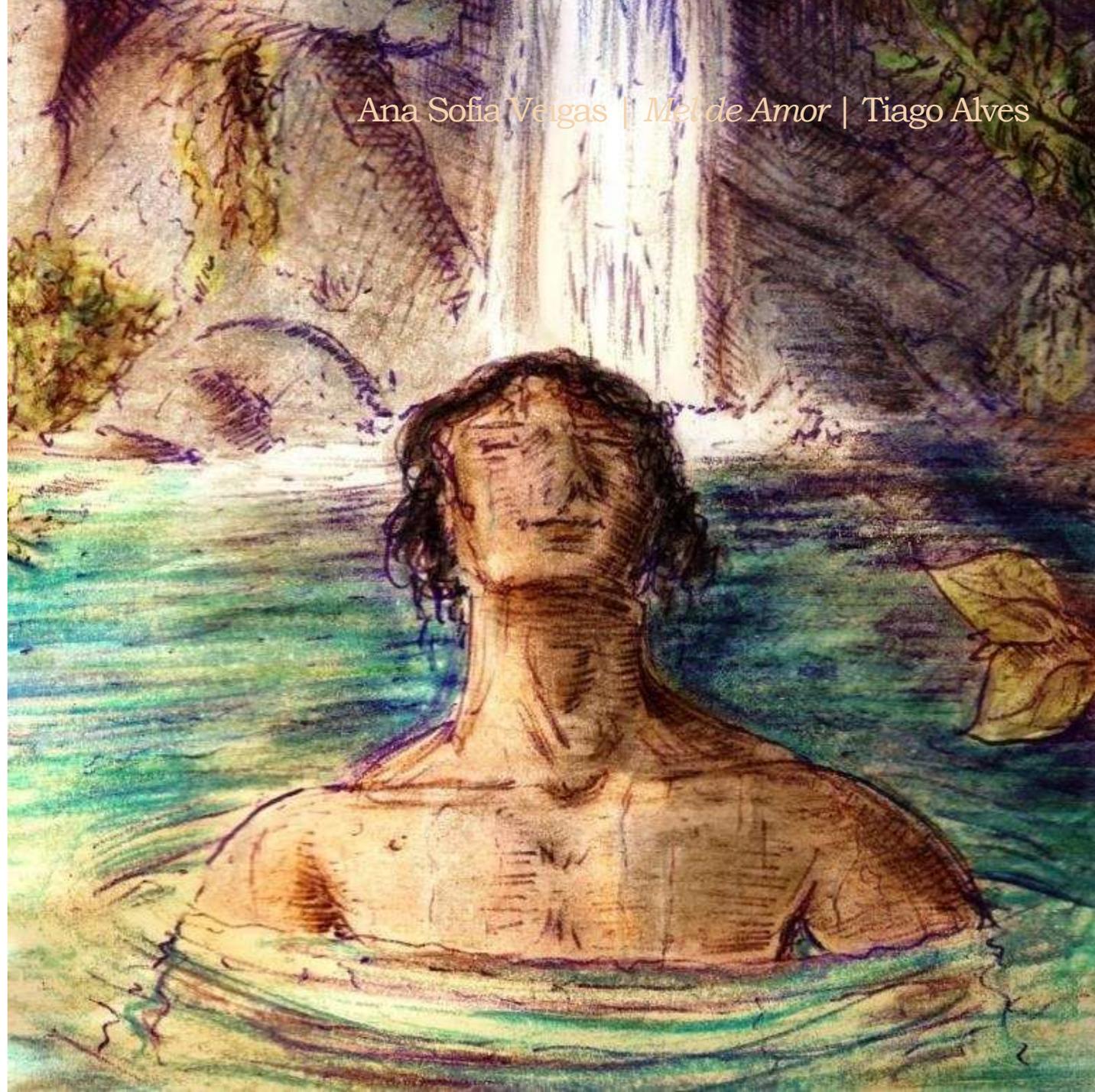
seio daquele singular elemento líquido. O contacto com a água fresca fê-lo estremecer um pouco, e os membros retesaram-se. O exercício físico a que se habituara desde menino desenvolvera em formas harmoniosas todo o seu corpo: ombros largos, peito amplo e pernas bem torneadas, quais colunas jónicas, epiderme dourada, macia. Era uma verdadeira estátua grega animada. Movia-se com a elegância de um peixe, em ondulações perfeitas e cadenciadas. Submergiu longamente, antes de voltar à superfície para, finalmente, sair das águas, qual deidade marinha.

Voltou a envergar a clâmide, que lavara, entretanto já seca; calçou as sandálias



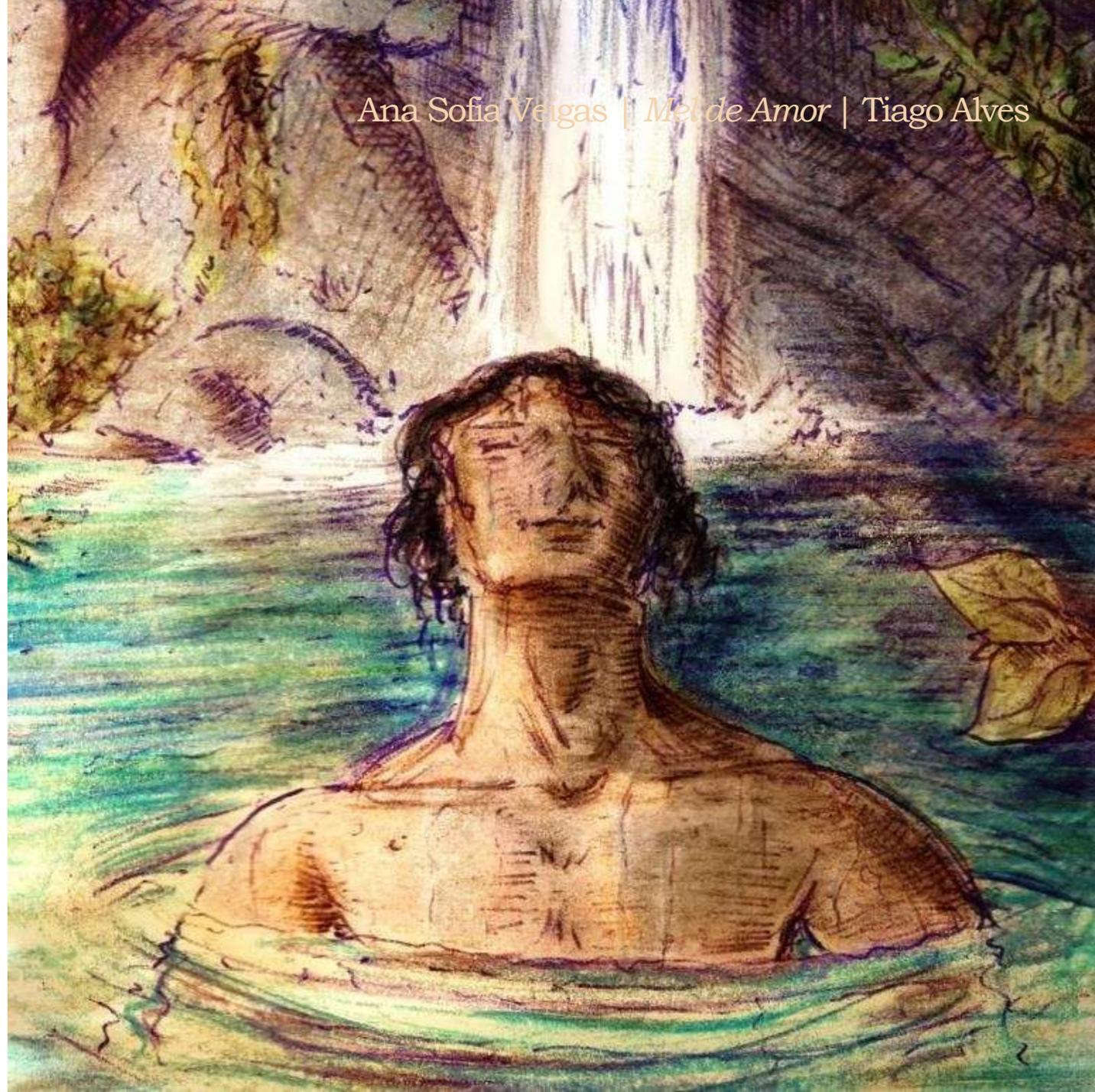
e dirigiu-se para a *domus* dos Cantaber. Não sem antes olhar de relance a «sua cascata», que passaria doravante a ser o seu local de peregrinação quotidiana.

Alexandre exercitava-se diariamente, logo que nascia o sol. Banhava-se na cascata, fazia a sua frugal refeição e, antes da *hora secunda*, já estava na biblioteca para mais uma prelecção a Clélia. A menina revelara-se uma discípula brilhante, e já estudava os papiros de Protágoras e de Platão. O grego aprendera a dissimular a perturbação que os olhos de Clélia lhe provocavam, falando-lhe de modo claro e bem modulado, num irrepreensível



dialecto ático, evitando fitá-la. Por sua vez, ela bebia as palavras do mestre com vibrante entusiasmo, mas clara reserva. Eram, de facto, os seus olhos que transmitiam este enlevo pela sapiência de Alexandre, agitando-o profundamente. Não obstante, nenhum deles jamais demonstrara o seu estado de alma, e quem passasse na biblioteca assistiria a uma singela lição entre pedagogo e aluna, sem nada verificar de estranho.

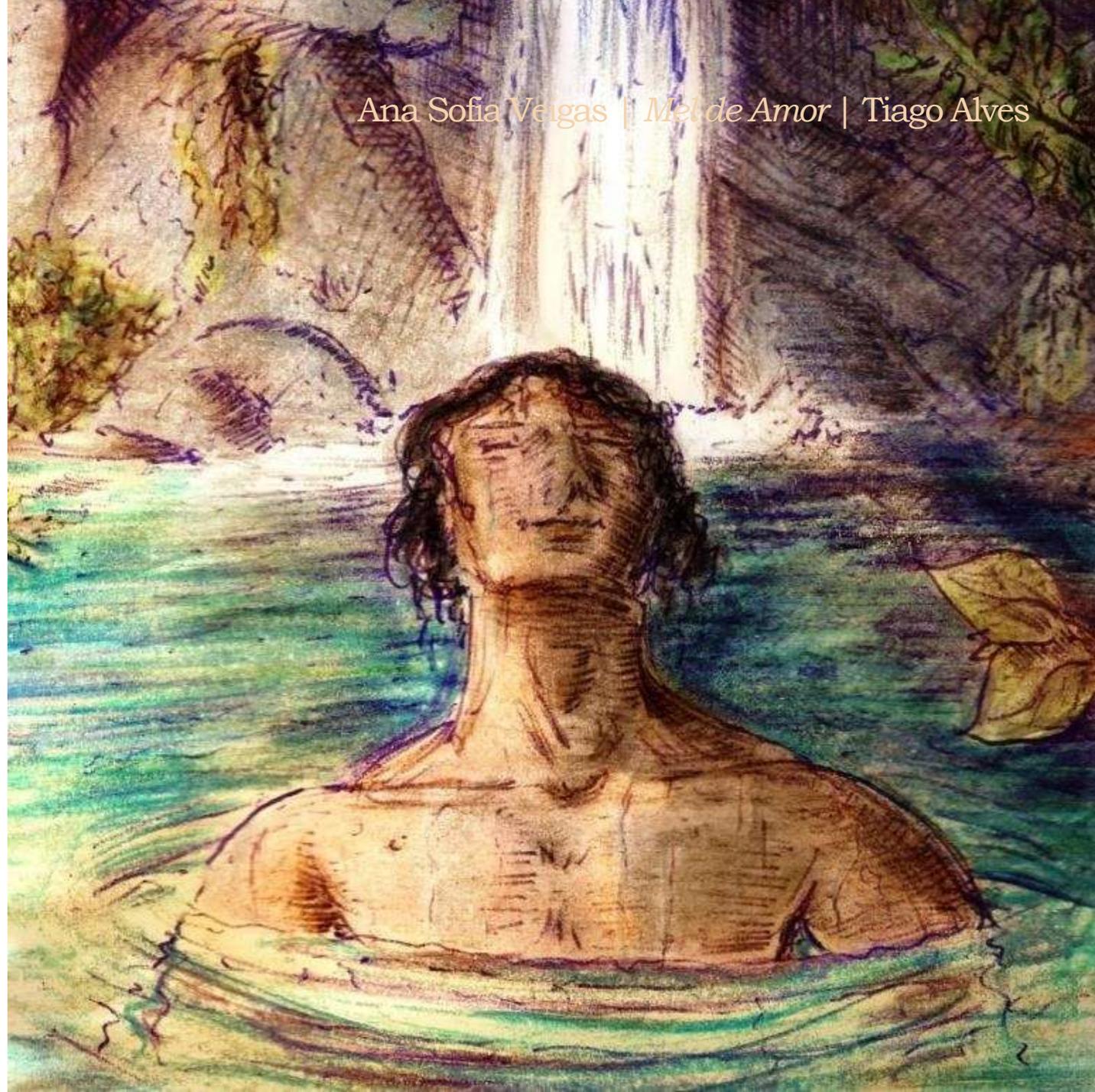
Clélia dera por si a alindar-se de belíssimas túnicas pregueadas à grega, encontrando na especiosidade dos aromas uma irresistível fonte de atenção. Também ela se erguia do leito



ao nascer do sol, mas para que a banhassem, oleassem, vestissem e perfumassem especialmente para ele. Alexandre exercitava corpo e mente, estudando com deleite nos momentos de ócio, só para ela.

Uma verdade inquestionável permanecia nos seus corações: amavam-se em silêncio. Haviam-se amado ao primeiro olhar, e esse nobre, belo e cândido sentimento tomara conta de ambos, das suas almas, sem que tal fosse verbalizado.

Mas, em breve se concretizaria a tessitura das Parcas...





Fim de tarde dos idos de Setembro. O calor era asfixiante. No remanso da sua cascata, Alexandre purificava-se languidamente. Clélia, como já era habitual, povoava os seus pensamentos. Aquela menina-mulher enlevava-o, fazendo brotar o que havia de melhor, de mais puro, no seu coração. Perdia-se agora naqueles olhos de mel, contemplava-a longamente, a sua face, o contorno dos lábios carnudos, as delicadas maçãs do rosto, os oblongos cílios negros, os cabelos dourados, finamente ondulados e esparsos por um colo ebúrneo, pelo qual se sentia irremediavelmente cativo. Clélia era linda, dotada de um entendimento fervilhante, embora retraída, tímida. Junto dela, esquecia a sua condição de escravo. Eram apenas dois seres em comunhão perfeita, envoltos ambos numa aura celestial.



Vozes vieram então desviar o curso das suas meditações. Instintivamente, Alexandre moveu-se sem um som, pegou nas suas vestes e camuflou-se entre a folhagem de um plátano. Quatro homens aproximavam-se da cascata, junto da cerca que traçava a fronteira entre a propriedade dos Cantaber e a dos Volutio. O tom de voz era de conluio, como se preparassem algo ocultamente proibitivo:

– ...seita de cristãos. O duúnviro já foi avisado de que deveria banir esses prevaricadores que cospem nos nossos templos, e nada fez. – arengava um deles em latim vulgar.

– É muito poderoso! Trata-se do magistrado máximo da cidade! Como tocá-lo? – inquiria um outro.

– Há que fazê-lo cair em desgraça! Preparar-lhe uma armadilha letal. – foi a resposta de um



terceiro, de toga purpurina, cuja face Alexandre conseguiu distinguir. – E a melhor forma é, como já falámos, fazê-lo no dia do banquete em honra de Calpúrnio.

– Concordo plenamente! – aquiesceu o primeiro que falara.

– Sabes o que tens de fazer, não é verdade? – quesitou o homem da toga purpurina ao único que se mantivera silencioso, o qual assentiu afirmativamente.

– Será então no dia do banquete! Agora, o máximo de discrição possível, e em dois dias teremos Marcus Cantaber aniquilado! – rejubilava o togado.

Dito isto, afastaram-se, sempre em tom ciciado de conspiração, para o centro da propriedade adjacente.



Ana Sofia Veigas | Mel de Amor | Tiago Alves

Alexandre sentiu um aperto no coração: algo de terrivelmente nefasto se passaria aquando do banquete. Que urdiriam aqueles homens para prejudicar Marcus Cantaber? Clélia era a sua mais premente preocupação.

Voltou para a *domus* pressurosamente e tentou indagar junto dos serviçais, sem levantar muitas suspeitas, quem estaria presente no banquete a decorrer no dia seguinte. Foram-lhe referidos alguns membros da cúria, à qual Marcus presidia. Amigos. Vizinhos. Mas o convidado mais ilustre era, sem dúvida, o senador Calpúrnio.

Alexandre recolheu ao seu quarto, mas a inquietude impediu-o de descansar grande parte da noite. As palavras do togado de púrpura



Ana Sofia Veigas | Mel de Amor | Tiago Alves

afloravam-lhe à mente sem cessar. «Preparar-lhe uma armadilha letal...». Como se processaria esta cilada? Através do uso de armas não seria decerto. Levar Marcus a dizer algo de grave? Também não... O duúnviro era um homem sensato e culto; sabia medir bem as palavras... Como, então?... Adormeceu apreensivo e, quando os primeiros raios da manhã despontaram, levantou-se rapidamente para o seu exercício matinal e para meditar. Após o banho na cascata, decidiu que, na qualidade de leitor, poderia aperceber-se, no banquete, de algo inusitado. Estaria, pois, atentíssimo. Clélia aguardava-o na biblioteca, absorta na leitura de *Arte de Amar*, de Ovídio. Não o sentiu aproximar-se, pelo que o bizantino pôde contemplá-la demoradamente. Quão pulcra era!



As reverberações do sol tornavam-lhe os cabelos mais dourados e iluminavam-lhe o rosto cândido e doce. Sentada na cadeira, junto da janela, tinha a elegância de uma garça branca e a delicadeza de uma criança.

Alexandre não conteve um suspiro quase inaudível, mas que Clélia percepcionou, assustando-se. Os papiros caíram das suas mãos, rolando para o chão, junto dos seus pés elegantemente adornados de finas sandálias. Precipitando-se para junto dela, Alexandre suplicou:

– Perdoa-me, senhora! Não era minha intenção perturbar-te.

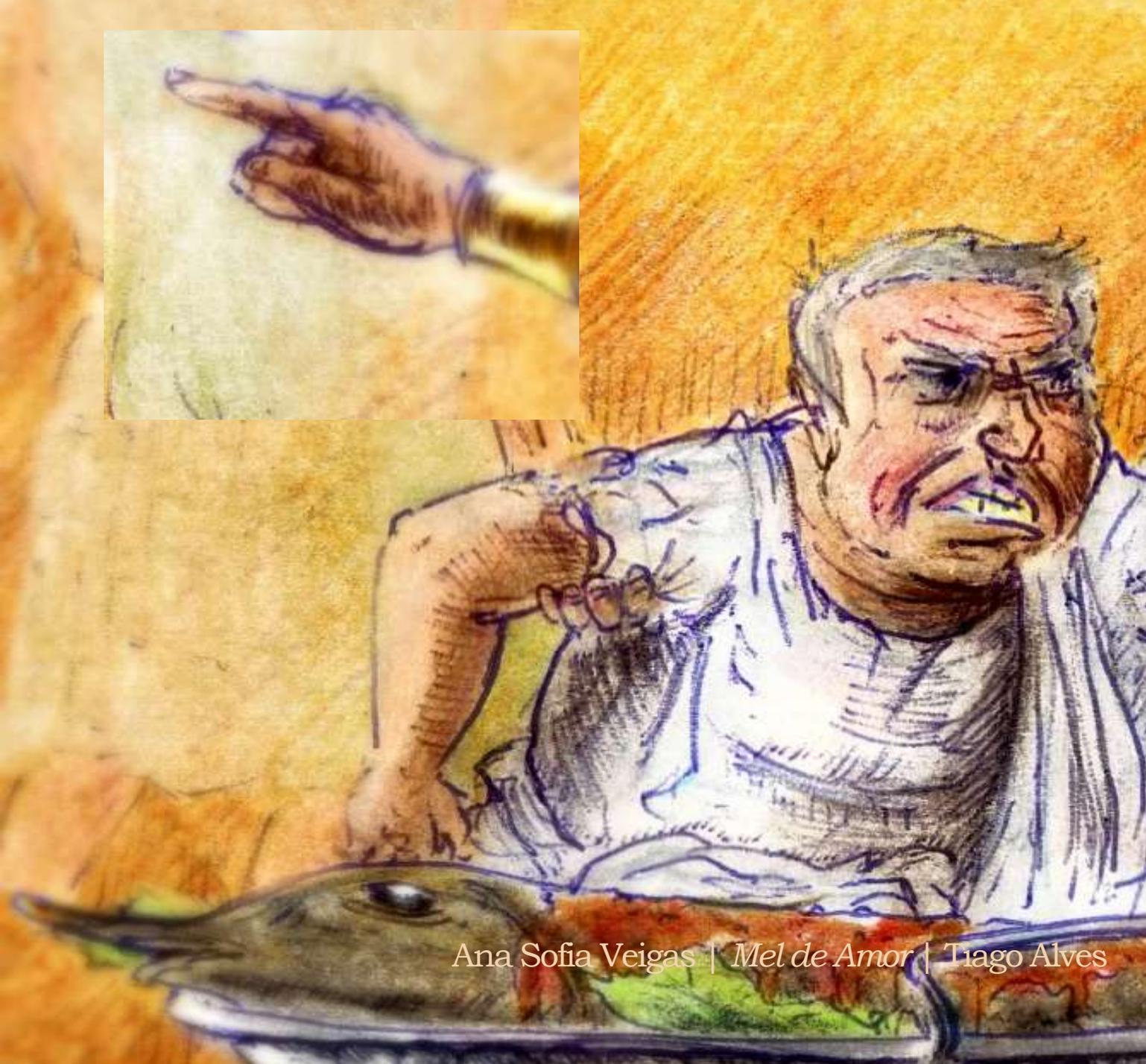
Juntou os papiros e, ajoelhando-se diante dela, depôs-lhos no regaço. Depois, timidamente, elevou o olhar e contemplou-a, num misto de



Ana Sofia Veigas | Mel de Amor | Tiago Alves

inquietação e de amor. E então pôde ler claramente a mensagem daqueles olhos, pela qual tanto ansiava; o magnetismo do olhar de Clélia tinha uma expressão: mel de amor. Um sorriso envergonhado iluminou a face de ambos; dominava-os uma intensa felicidade que não requeria palavras. Eram já as suas almas que comunicavam.

A lição foi passada entre olhares de enlevo e vocábulos de amor, na língua helénica. Ao meio-dia, despediram-se ternamente, e Alexandre conseguiu, finalmente, voltar ao mundo das matérias corpóreas e traçar uma estratégia que lhe permitisse dar-se conta do que sucederia no banquete. Urgia ter a acuidade de uma águia, e ele não podia distrair-se um só segundo. O destino dos Cantaber, a felicidade de Clélia, tudo dependia de si...



Quando o jovem bizantino entrou na sala do banquete, já os comensais se haviam instalado comodamente no *triclinium*, cada um em seu leito guarnecido de almofadas. No lugar de honra encontrava-se Calpúrnio, envolto num sumpto de linhos perfumados, coroado de flores, exibindo na mão direita o seu anel senatorial.

Vários membros da cúria, bem como alguns convivas, também ali estavam, todos elegantemente adornados. Marcus ocupava o seu lugar de senhor da casa,



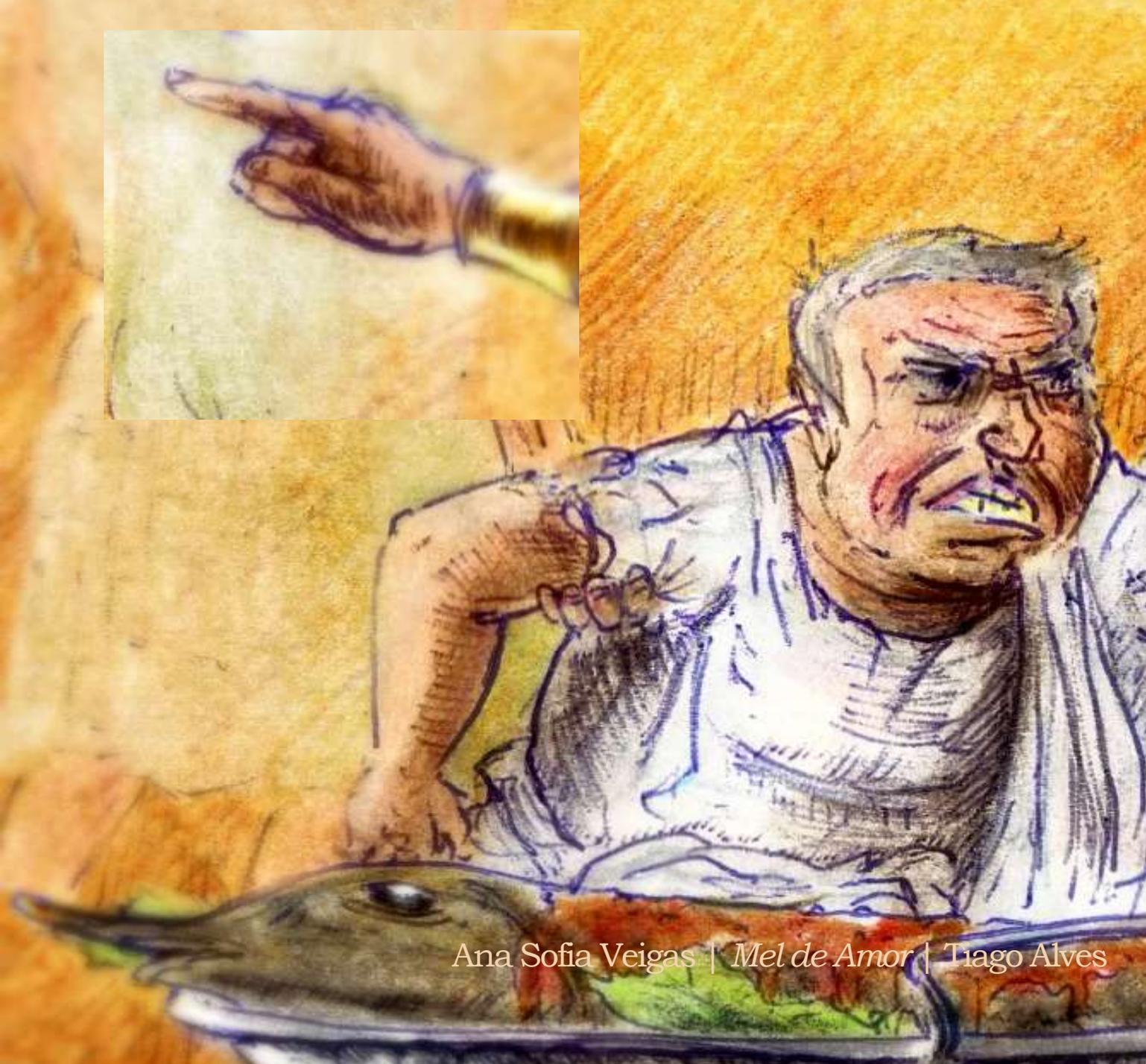
perto do senador. Rodeavam-no Lavínia e Clélia. Caio falava com três jovens meninas, que o ouviam, embevecidas.

Num relance que gelou Alexandre, reconheceu o togado de púrpura entre os convidados. De toga *candida*, este deleitava-se com os acepipes servidos pelos escravos, aparentando uma tranquilidade perturbante. Alexandre decidiu colocar-se estrategicamente numa posição que lhe permitisse proceder à leitura e observá-lo



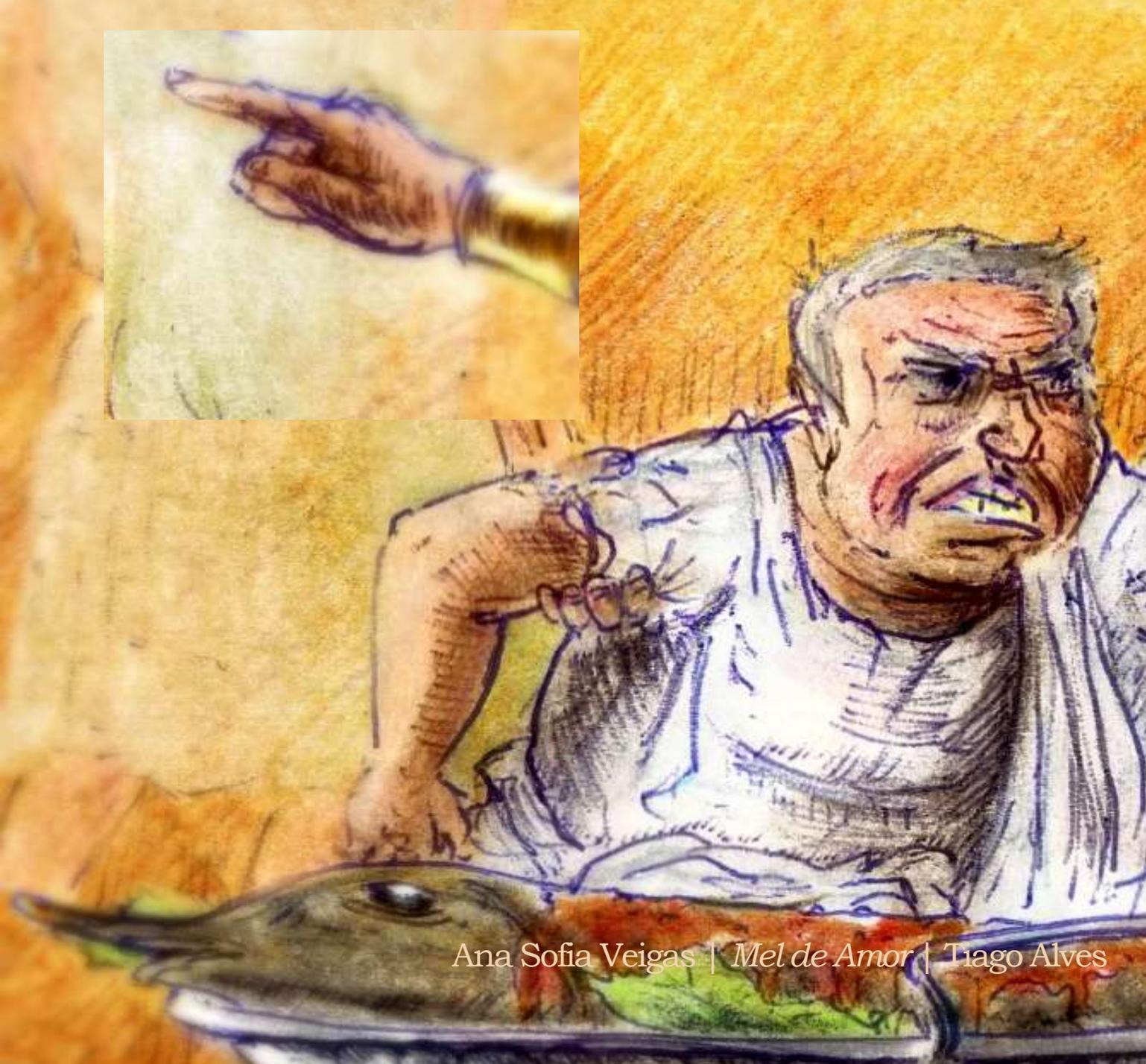
insuspeitamente. Pressentia que, vigiando o seu semblante, decerto saberia quando e como agir.

O banquete delongou-se entre cogumelos cozidos com molho de gordura de peixe e pimenta, ouriços-do-mar com especiarias, mel, azeite e molho de ovo, mioleira cozida com leite e ovos, e jogos de dança, acompanhados pelos sons maviosos da lira. Quando os pratos principais foram servidos, Alexandre foi chamado para um momento de leitura e de recitação. Começou

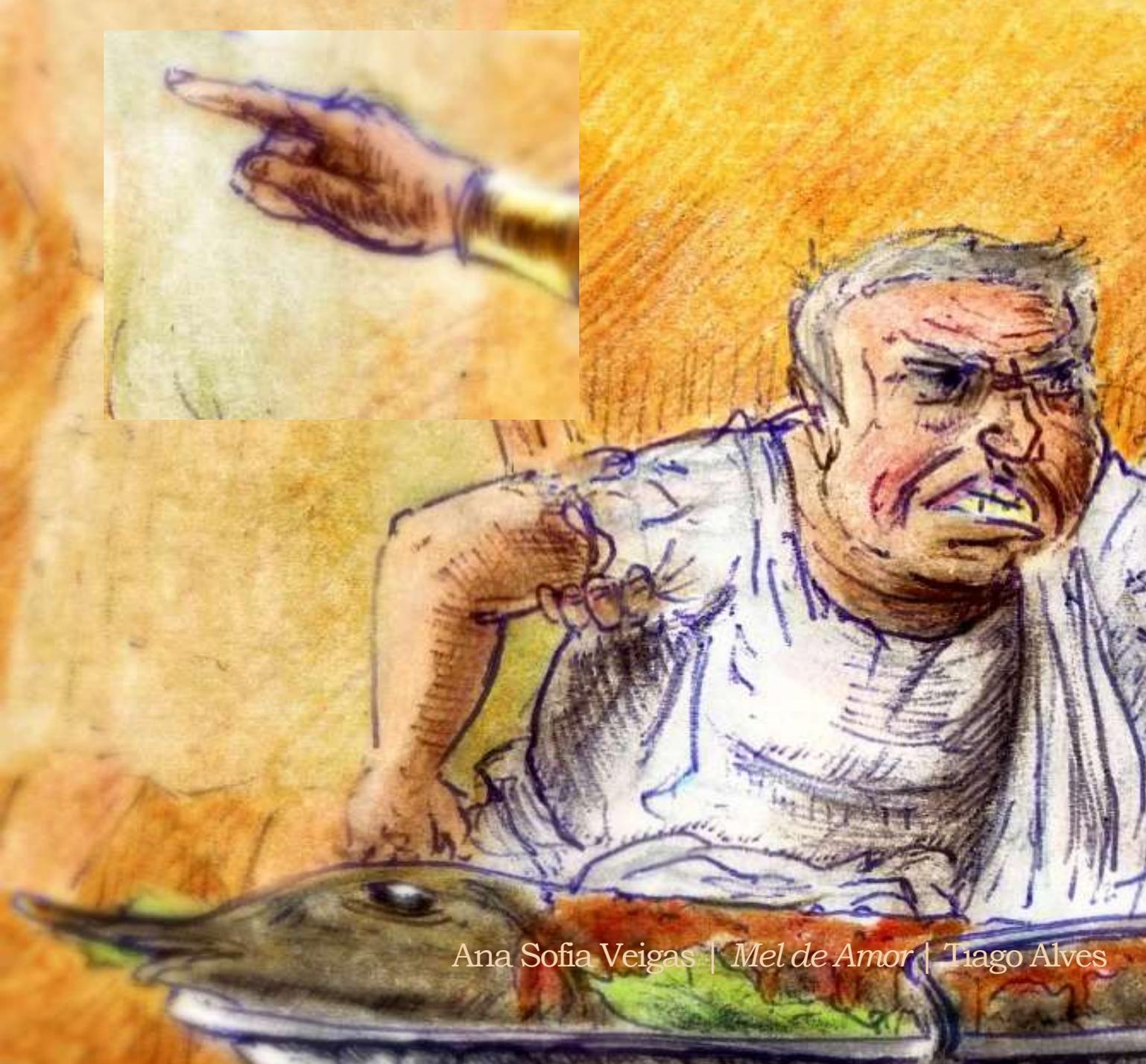


com poesia de Safo, enquanto os convivas se deliciavam com um succulento gomo assado com molho de alho e ruibarbo, tâmaras, passas de uvas, azeite e mel.

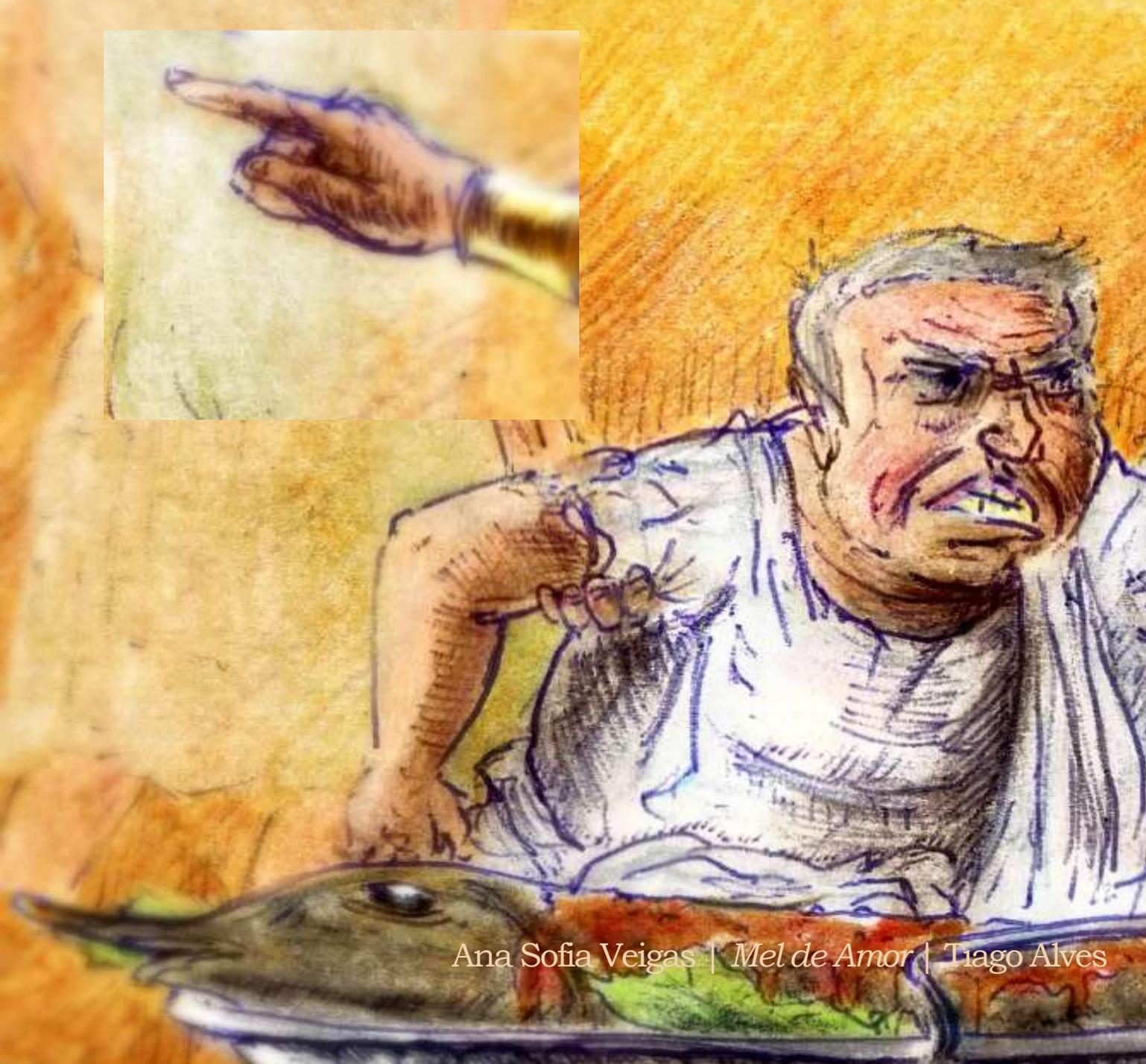
Escravos vestidos primorosamente circulavam com taças de água perfumada, destinada à lavagem das mãos dos comensais, a fim de procederem, em seguida, à degustação do gomo cozido com molho doce, dos pombos recheados com carne de porco e



pinhões, e do presunto cozido com figos e untado com mel. Vinhos das mais variadas castas, servidos em requintados copos de prata, acompanhavam devidamente todos os manjares. Entre libações, surgiu então a iguaria mais apetecida que coroava o banquete, cujo ambiente festivo era visível pelo gáudio de todos: *acipenser* condimentado com *garum*. Um envolvente olor de anis e de cominhos inebriou o ar, tornando-o mais doce e relaxante.

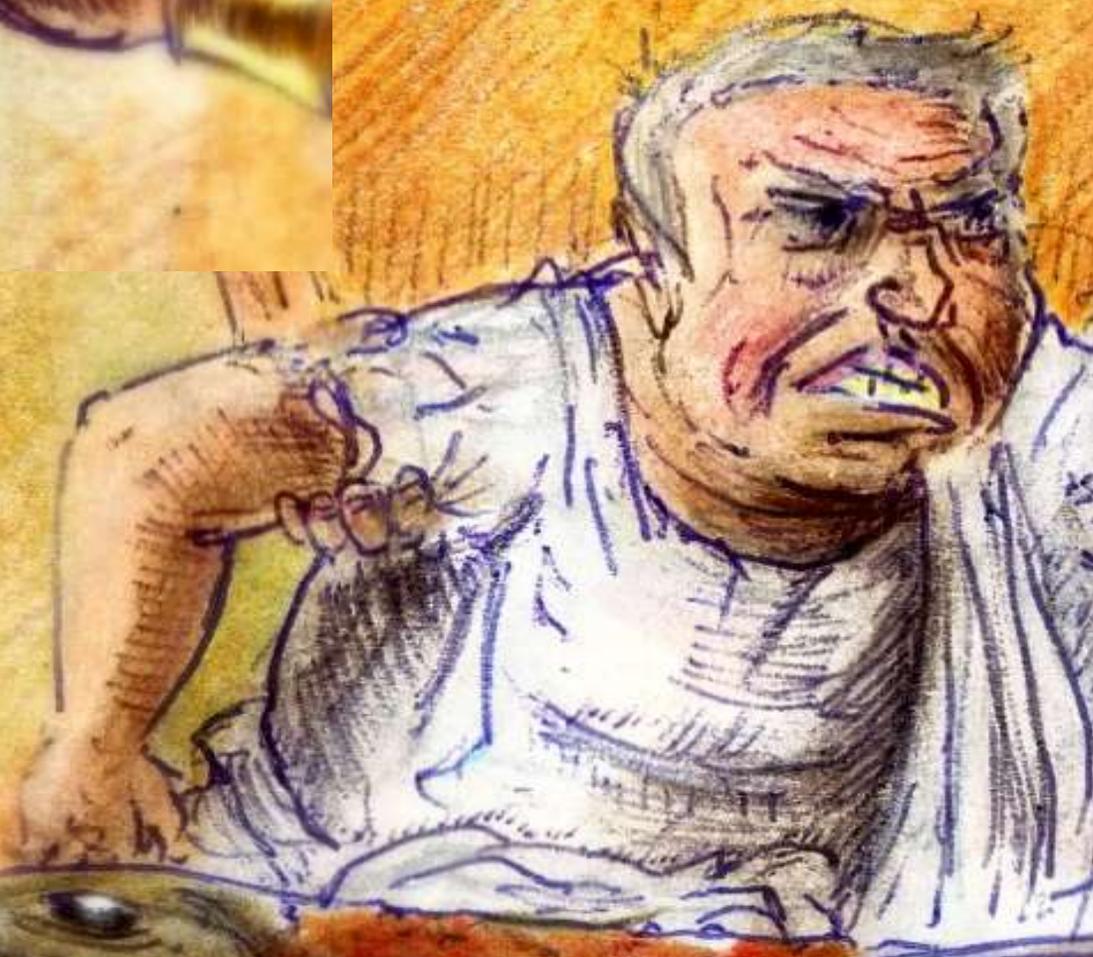


Alguns sussurros de agrado ecoaram pela sala do banquete, despertando ainda mais a atenção de Alexandre. Recitava agora Arquíloco e podia vislumbrar uma tenuíssima alteração no rosto do conviva da toga *candida*. Quase de imediato, efectuou um exercício de entendimento. Algo no lauto *acipenser* com especiarias provocara aquela reacção... *Acipenser*... Peixe... *Piscis*... *Ichtus*... Eram as palavras que os cristãos utilizavam para nomear a sua divindade... Sim... «*Ichtus*»



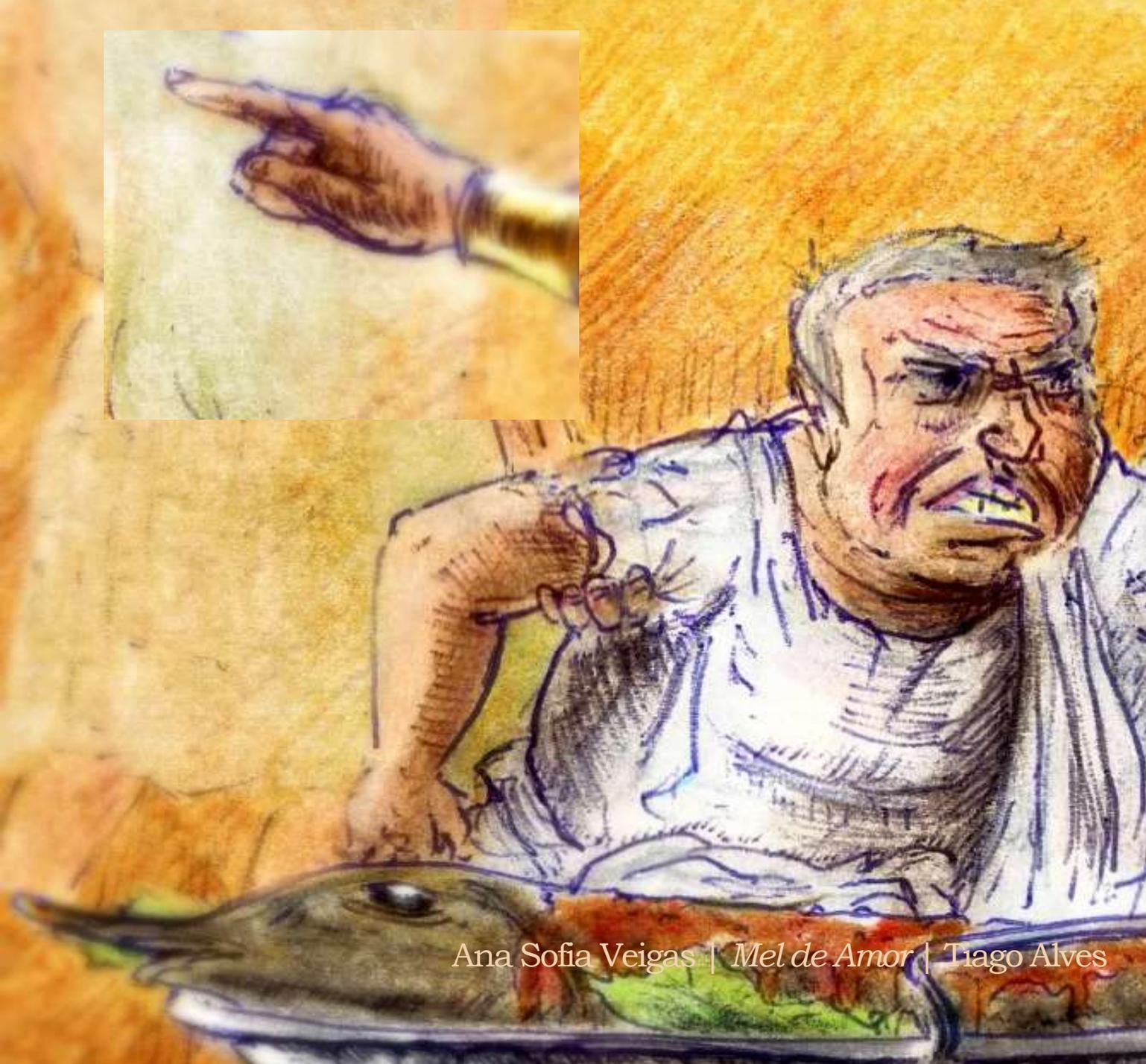
era um anagrama para «Christus», como Lhe chamavam... «Seita de cristãos», afirmara um dos congeminadores; «Preparar-lhe uma armadilha letal», nas palavras do togado de alvura... Claro! Algo de grave se passava com o *acipenser*, que deveria ser saboreado, em primeiro lugar, pelo senador, em sinal de honra e de respeito!

Em dialecto ático, que apenas a sua adorada Clélia entendia, Alexandre avisou-a do perigo e do que deveria fazer, entre versos



de poetas gregos, para que não houvesse a mínima suspeita. A menina, muito calma e astutamente, alertou Marcus da desconfiança de Alexandre, e o duúnviro, tomado de surpresa, empalideceu por momentos. Uma pérfida conjura para assassinar Calpúrnio? Mas quem?... E então compreendeu: a morte do senador em sua casa indiciá-lo-ia como o homicida, lançando o inexorável opróbrio sobre os Cantaber.

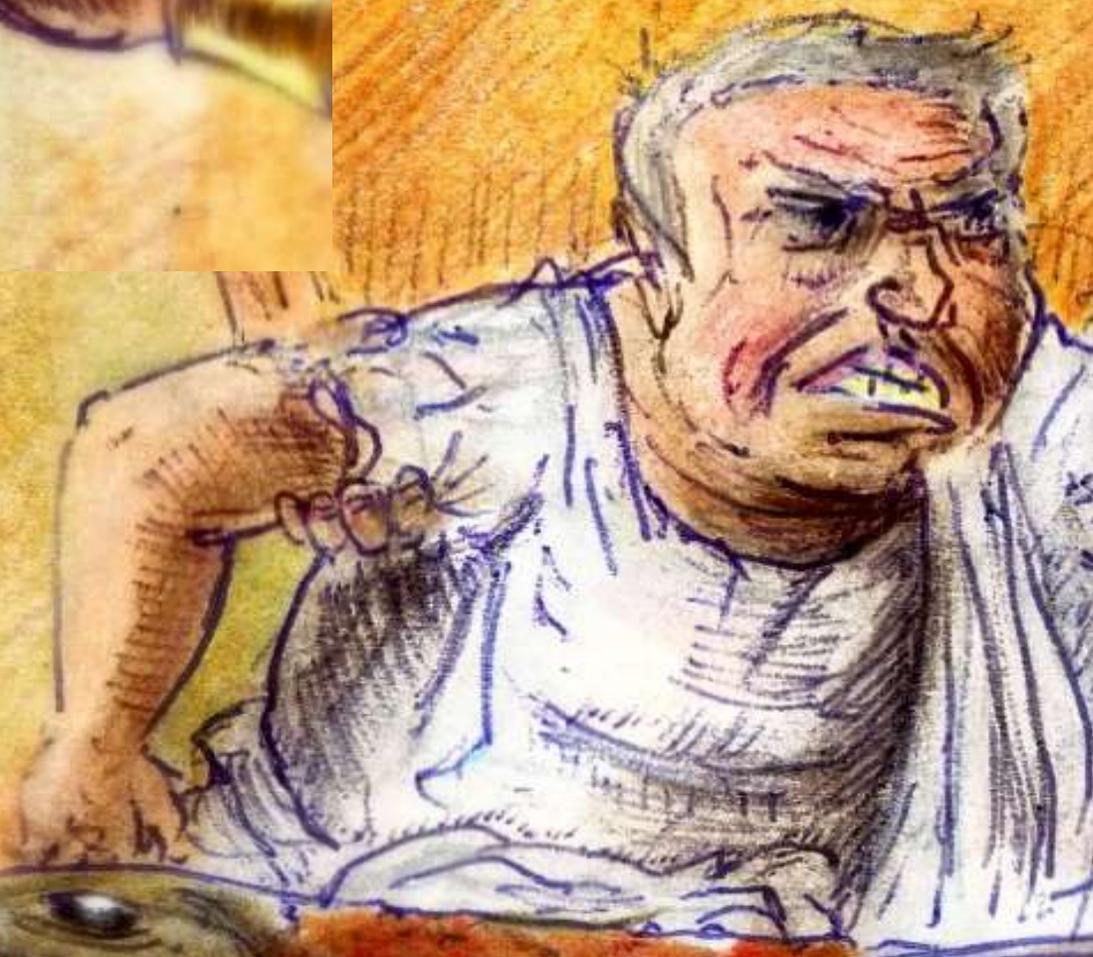
Num gesto peremptório, que exigia silêncio e quietude,



Marcus propôs uma primeira libação em honra de Calpúrnio:

– Bebamos à tua, Calpúrnio, que tanto nos enobreces com a tua preclara presença. – Os presentes brindaram, com regozijo.

– O delicioso cheiro do *acipenser* condimentado já terá certamente chegado às narículas de todos. – continuou o pretor. – Considera, pois, a oferenda desta iguaria uma forma de veneração, insigne Calpúrnio. Contudo, antes de



que com ela te delicias, suplico-te: deixa-me propalar uma hedionda insídia, a par de uma infame conspiração para te assassinar.

– Como?! – retorquiu o senador, perplexo.

– Tenho consciência da gravidade das minhas palavras, por isso estou disposto a morrer, honrando o nome dos Cantaber. Honrarás também tu o nome dos Volutio, Lúcio Antonino? – lançou Marcus ao vil maquinador da toga *candida*, cujo semblante se converteu



num esgar de pânico. – Serás tu capaz de, a meu lado, iterares a tua *dignitas*?

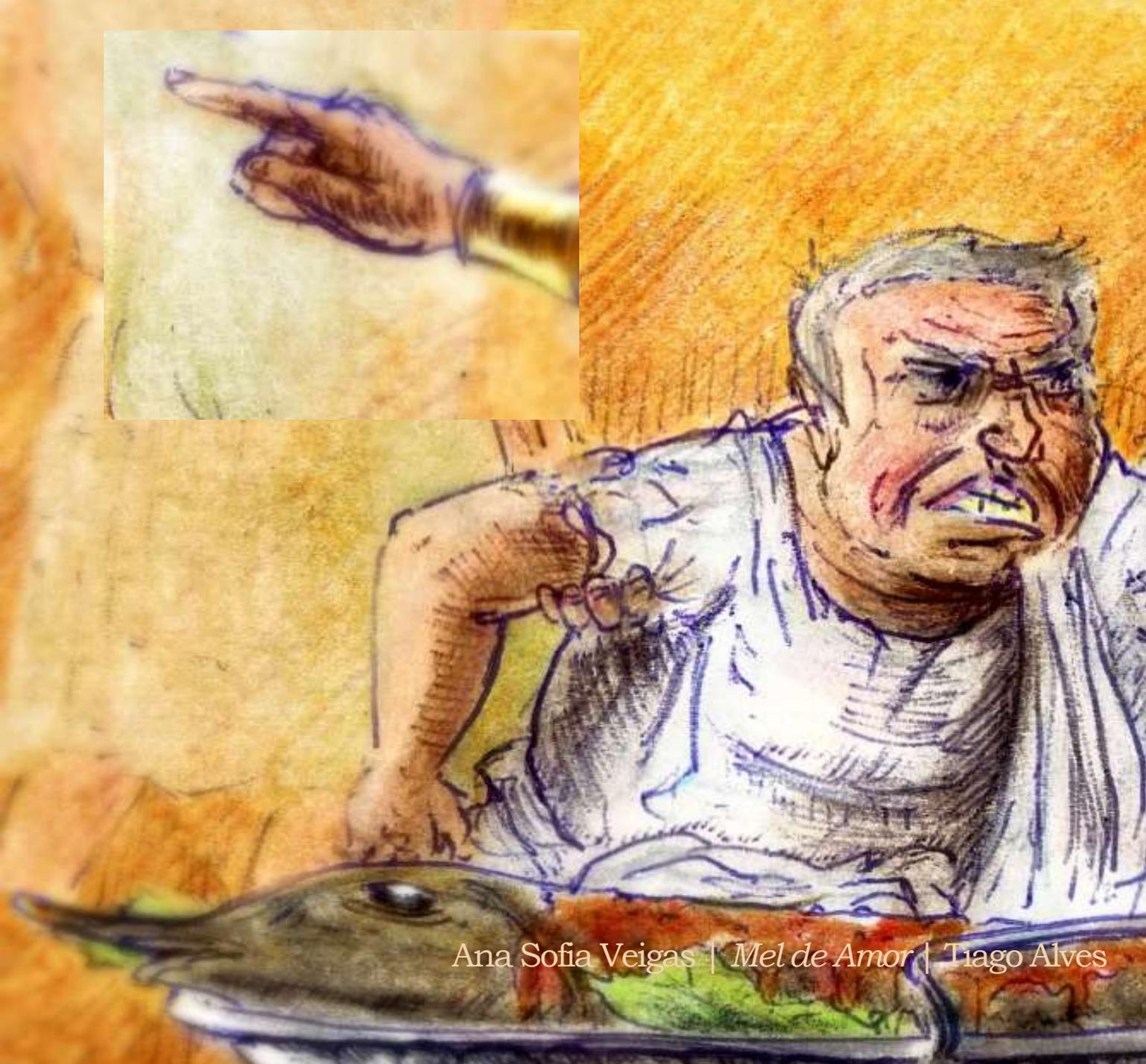
Vem! Provemos ambos a ignóbil peçonha sem mais delongas e expiremos ambos, sublimando nossos ancestrais!

O duúnviro tinha empunhado de forma desafiadora um pedaço do condimentado *acipenser*. Olhares incrédulos estavam agora postos sobre Volutio que, assim exposto à infâmia, foi acometido de um violento frémito. Ainda intentou a fuga, colubreando entre os presentes, mas foi surpreendido



pela força compressora de duas mãos, que o arrastaram pelo *triclinium*, espojando-o frente a Marcus, em cujo semblante era perceptível uma incrível decepção.

– Porquê tamanha malevolência, Lúcio Antonino?... Há quanto tempo planeavas a minha implacável perdição, a ignomínia pública da minha família? Enquanto pretor de Conímbriga, ter-te-ei acaso, em algum momento, deixado de prezar e honrar? Jamais o fiz e tu sabe-lo melhor do que ninguém. Intuo,



pois, que a toga que ora trajas  
será porventura um anelo...

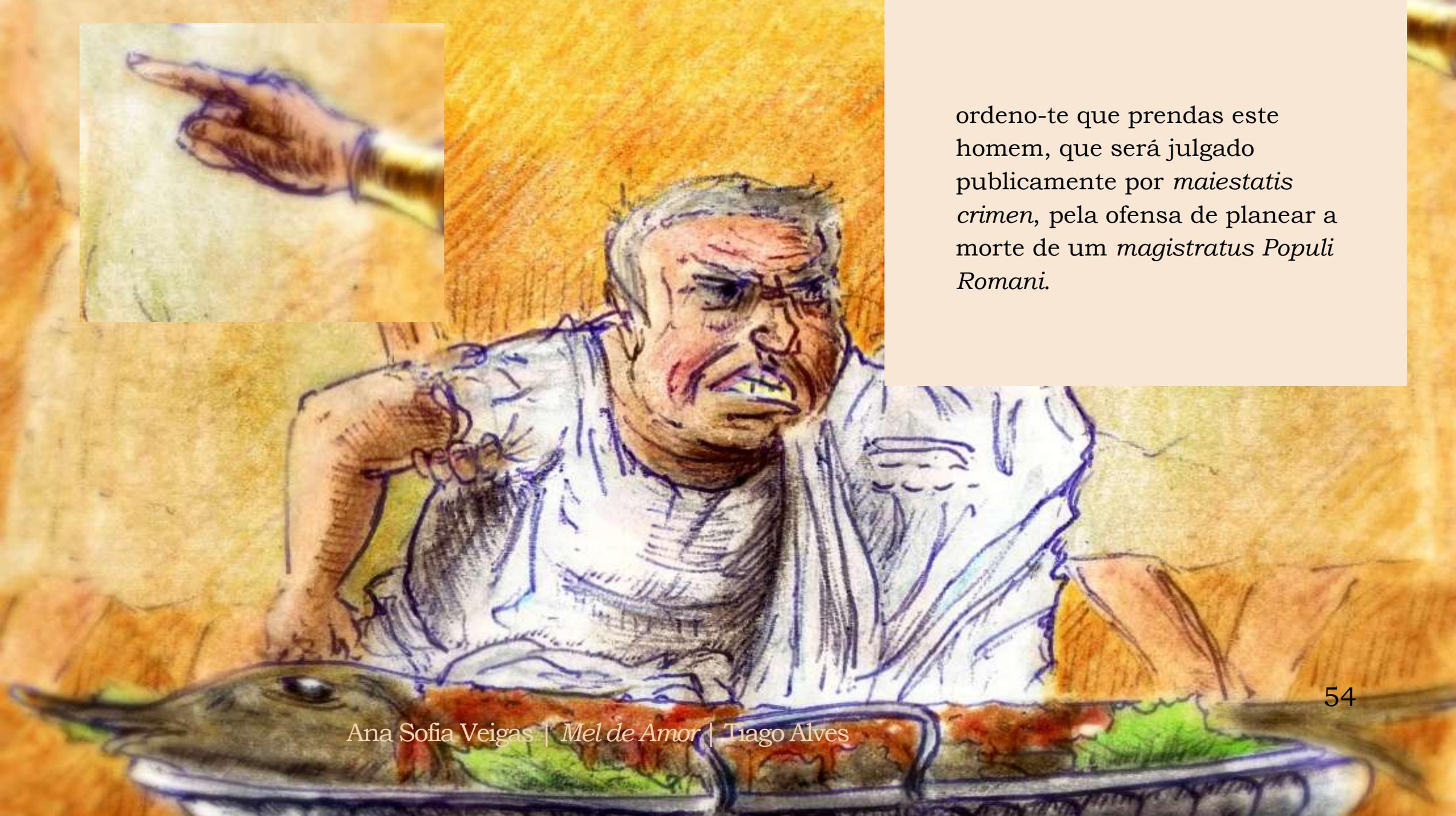
Fala, ordeno-te!

– Sim, é verdade, há muito que o  
ideava! Odeio-te, por ter sido  
preterido em favor de ti para o  
cargo de duúnviro, e abomino-te  
ainda mais por seres, como és,  
estimado por todos, pelo teu  
prestígio e admirável dom  
oratório, pela tua *virtus* e  
*dignitas*! – cada palavra era  
pronunciada numa torrente de  
intenso rancor.

– Basta! – interpôs, categórico,  
Calpúrnio – Caio Cantaber,



ordeno-te que prendas este homem, que será julgado publicamente por *maiestatis crimen*, pela ofensa de planejar a morte de um *magistratus Populi Romani*.





Levado o pérfido engendrador, Calpúrnio instou Marcus a elucidar os presentes sobre como tivera conhecimento do vilipendioso ardil.

– Foi Clélia, a minha filha querida, quem me alertou para a provável urdidura de Volutio, industriada por Alexandre, o seu *magister*, que para nós tem recitado. Alexandre, aproxima-te, rogo-te que nos comunique o que sabes.



- Senhor, quiseram as Moirai que eu ouvisse algumas palavras da conjura, tivesse hoje reconhecido quem as proferira e percepcionado a subtil alteração na sua fisionomia, quando foi servido o *acipenser*.
- Devo-te a minha vida e a vida do mui honorável Calpúrnio, pelas quais te estarei perpetuamente reconhecido. És um homem nobre e pleno de *virtus*. Vem, deixa-me abraçar-te e senta-te junto de mim, para que disfrutemos todos do banquete.



– Senhor, – principiou o bizantino, emocionado – honras-me perante os teus convidados, e estou-te profundamente grato por isso. Sei que com esse gesto me libertas da condição de escravo, o que, para mim, é uma incomensurável alegria. Mas aqui, diante de todos, e correndo o risco de te parecer ingrato, suplico-te que me concedas um grande desejo.

– Fala. – respondeu Marcus, num misto de surpresa e de curiosidade. O silêncio era agora solene.



– Senhor, – prosseguiu Alexandre – é meu desejo tornar-me cidadão romano. Imploro-te que como tal me incluas na lista de recenseamento de Conímbriga.

– E porque renuncias à tua origem? Algo no teu passado, nas tuas raízes, nos teus Lares te envergonha? – inquiriu o duúnviro.

– Não, senhor. Orgulho-me de ser descendente de Eratóstenes e pertença a uma família de doutos homens que me fazem honrá-los sempre. É outra a causa que me move, senhor. Amo a tua filha,



mais do que a minha própria vida. E só como cidadão romano poderei aspirar a contemplá-la, sem que de mim te envergonhes.

Um murmúrio geral de admiração percorreu a sala. Marcus, atônito, considerou o pedido e vacilou. Então o senador, que até àquele momento se mantivera silencioso, interveio, em nome de Alexandre:



– Marcus Cantaber, este homem salvou a vida de um senador, e salvou-te do opróbrio, devolvendo-te a *dignitas* de seres olhado como um cidadão ilustre. Honra-te, querendo fazer parte da tua família, estando disposto a abdicar da sua identidade insigne, em nome do grande amor que sente pela tua filha. Que mais pretendes? – Abriu os braços e proferiu com solenidade:

– Alexandre, vem até mim. Eu te nomeio, Alexandre de Bizâncio, pela tua *virtus* e sapiência, Júlio



Calpúrnio. De hoje em diante, serás meu filho, pois só assim poderei recompensar-te pela minha vida. – Abraçaram-se.

– E agora, Marcus Cantaber, ainda consideras o filho do senador indigno de tua filha?

– Calpúrnio, perdoa-me a falta de humildade. – Respondeu Marcus, envergonhado. Voltando-se para Alexandre, e pegando na mão de Clélia, com visível emoção, o duúnviro entregou-a ao helénico, dizendo:



– Alexandre, progénito do preeminente Eratóstenes, filho do preclaro Calpúrnio, Júlio denominado, entrego-te Clélia para a desposares, e serei um homem ainda mais honrado e rico, pois creio que hoje passei a ter mais um filho.

E foi em ambiente de requintado luxo que todos celebraram aquela faculdade única de entendimento, própria das almas que se tocam, se cindem e produzem mel de amor...



## **Epílogo**

Alexandre tornou-se um eminente filósofo e poeta de excepção. Em seus versos inscreveu ele indelevelmente o seu incomensurável amor por Clélia:

Ana Sofia Veigas | *Mel de Amor* | Tiago Alves



*Só teus olhos amar*

Podia com teus olhos

Escrever a palavra mel

Podia com teus olhos

Escrever a palavra amor

Não fossem mel de amor já teus olhos

Podia em teus olhos sonhar

Unir os verbos dar e receber

Semear a terra de poemas

Colher teu amor

E só teus olhos amar

(Ana Sofia Veigas escreve conforme a ortografia anterior a 1990.)



**Mel  
de  
Amor**

**Um conto de  
Ana Sofia Veigas**

**Ilustrações de  
Tiago Alves**

Lisboa | 2016

**BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA**

Edição de Rita Cardoso e Ângela Correia